

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL E INSTITUCIONAL

ANA CAROLINA WESELOVSKI DA SILVA

MISOGINIA ONLINE:
MANOSFERA E A *RED PILL* NO AMBIENTE VIRTUAL BRASILEIRO

PORTO ALEGRE

2022

ANA CAROLINA WESELOVSKI DA SILVA

MISOGINIA ONLINE:
MANOSFERA E A *RED PILL* NO AMBIENTE VIRTUAL BRASILEIRO

Dissertação de mestrado apresentado
ao Programa de Pós-Graduação em
Psicologia Social e Institucional da
Universidade Federal do Rio Grande
do Sul.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Inês Hennigen

PORTO ALEGRE

2022

ANA CAROLINA WESELOVSKI DA SILVA

MISOGINIA ONLINE:

MANOSFERA E A *RED PILL* NO AMBIENTE VIRTUAL BRASILEIRO

Dissertação de mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Inês Hennigen

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Inês Hennigen
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Henrique Caetano Nardi
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof.^a Dr.^a Raquel de Barros Miguel Pinto
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Adriano Beiras
Universidade Federal de Santa Catarina

Porto Alegre, 04 de fevereiro de 2022.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais Lourdes Marlene Weselovski da Silva e Volnei Santiago da Silva, sem os quais não estaria aqui. Um agradecimento muito especial a minha orientadora Inês Hennigen que com paciência e bom humor me acompanhou durante todo esse percurso. Agradeço pela generosidade e valiosas contribuições aos professores Henrique Nardi, Raquel de Barros Miguel Pinto e Adriano Beiras. Não posso deixar de agradecer aos meus colegas do grupo LECOPSU: Adriel, Evandro, Edson, Patrícia, João, Pyetro, Matheus, Fernanda, como também, Luana e Maria Lúcia por todas as discussões e sugestões. Agradeço também a todos os profissionais do PPGPSI, em especial ao Israel Aquino, sempre solícito e prestativo. Por fim, deixo um agradecimento especial a professora Eliane Cadoná que me introduziu à Psicologia Social e aos Estudos de Gênero e me inspirou a seguir nesta trajetória acadêmica.

RESUMO

O presente trabalho apresenta uma cartografia sobre grupos de homens que pregam que a sociedade é ginocêntrica, sendo as mulheres o sexo privilegiado. Esses grupos atuam principalmente no ambiente virtual, compondo o que vem sendo chamado de manosfera. Os principais grupos dentro da manosfera que foram abordados nesta pesquisa são: ativistas pelos direitos dos homens (MRA), artistas da sedução (PUA), homens seguindo seu próprio caminho (MGTOW) e celibatários involuntários (Incel). Este estudo partiu de uma cartografia em que se percorreu por páginas brasileiras, pertencentes a manosfera, no ambiente virtual. Foi utilizado o conceito de política ontológica da autora Annemarie Mol como ferramenta teórico-analítica, como também as noções de discurso e relações de poder/saber do filósofo Michel Foucault permeiam este trabalho. Com isto buscou-se compreender qual a ontologia produzida por esses grupos, tendo em vista a forma como o político está implicado no real. Problematizou-se questões relacionadas às mídias e produção de uma realidade ginocêntrica, a violência de gênero, a masculinidade, a forma como as mulheres costumam ser retratadas neste meio e noções referentes à propriedade e liberdade. Nota-se que para sustentar a ideia de uma realidade ginocêntrica toda a opressão e violência contra as mulheres é eclipsada, onde há maior propensão a endossar certos aspectos sociais que sustentam uma hierarquia social do que a questioná-los. Por conta disto, quando algumas questões que afligem homens na contemporaneidade são levantadas dentro deste meio, o fazem no intuito de corroborar com a política ontológica com a qual estão comprometidos e, não, necessariamente, em busca de soluções. Ideias de supremacia masculina permeiam suas produções, nas quais o ódio às mulheres costuma se fazer muito presente.

Palavras-chave: Manosfera. Masculinismo. Ginocentrismo. *Red pill*. Misoginia.

ABSTRACT

This academic work presents a cartography about groups of men who espouse the idea that society is gynocentric, with women being the privileged sex. These groups act mainly in the virtual environment, composing what has been called the manosphere. The main groups within the manosphere that were addressed in this research are: men's rights activists (MRA), pick-up artists (PUA), men going their own way (MGTOW) and involuntary celibates (Incel). This study started from a cartography in which it was traversed through Brazilian pages, belonging to the manosphere, in the virtual environment. The concept of ontological politics by the author Annemarie Mol was used as a theoretical-analytical tool, as well as the notions of discourse and relations of power/knowledge by the philosopher Michel Foucault permeate this dissertation. The researcher sought to understand the ontology produced by these groups, in view of how the political is implicated in reality. Questions related to the media and production of a gynocentric reality, gender violence, masculinity, the way women are usually depicted in this environment and notions regarding property and freedom were problematized. It is noted that to support the idea of a gynocentric reality, all oppression and violence against women is eclipsed, where there is a greater propensity to endorse certain social aspects that sustain a social hierarchy than to question them. Because of this, when some issues that afflict men in the contemporary world are raised within this environment, they do so in order to corroborate the ontological politics to which they are committed and, not necessarily, in search of solutions. Ideas of male supremacy permeate their productions and hatred of women is usually very present.

Keywords: Manosphere. Masculinism. Gynocentrism. Red pill. Misogyny.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Símbolo MGTOW	299
Figura 2 – Complexo cultural ginocêntrico.....	52
Figura 3 – Mulher em um pedestal	55
Figura 4 – Notícias sobre mulheres agressoras	62
Figura 5 – Repercussão sobre caso Dj Ivis	69
Figura 6 – Repercussão sobre caso Mari Ferrer	73
Figura 7 – Comentários da página MGTOW Club propagando uma notícia falsa	75
Figura 8 – Ativistas pelos direitos dos homens sobre pânico moral	77
Figura 9 – Caça às bruxas.....	82
Figura 10 – Como mulheres são retratadas	86
Figura 11 – Imagem de perfil da página Jesus MGTOW	97
Figura 12 – James Bond.....	100

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 METODOLOGIA	12
2.1 CONSTRUINDO A QUESTÃO DE PESQUISA	12
2.2 PERCURSO METODOLÓGICO	166
3 DISCUSSÃO E RESULTADOS	221
3.1 CONHECENDO CRITICAMENTE A MANOSFERA	21
3.1.1 <i>Red Pill</i> , Ginocentrismo e a “Bolha Misândrica”	31
3.1.2 Sexo e gênero na manosfera: a desigualdade naturalizada	377
3.1.3 Ressentimento, masculinidade e a sociedade em ruínas	41
3.2 MÍDIAS E PRODUÇÃO DE VERDADE	44
3.3 A PRODUÇÃO DE UMA REALIDADE GINOCÊNTRICA	51
3.4 QUEM SÃO AS VÍTIMAS? A VIOLÊNCIA DE GÊNERO SEGUNDO O QUE CIRCULA NA MANOSFERA.....	57
3.5 APRESENTAÇÕES DO FEMININO	83
3.6 MATRIMÔNIO, PROPRIEDADE E LIBERDADE	91
3.7 A DEFESA DA MASCULINIDADE HEGEMÔNICA.....	97
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
REFERÊNCIAS	108

1 INTRODUÇÃO

“Com o sangue de quem foram feitos meus olhos?”

Donna Haraway, 1995

A trajetória que me leva a neste momento querer pensar e problematizar grupos de homens que propõem uma outra versão sobre a realidade social, começa há muitos anos atrás, antes mesmo do início da minha graduação em psicologia. O que me inquietava e perturbava há tantos anos antes é o mesmo que hoje ainda me mantém em busca de respostas, de tecer reflexões críticas.

Mesmo antes da minha formação acadêmica, me inquietavam diversas questões sociais, principalmente aquelas que diziam respeito a gênero; nas quais em situações muito semelhantes, me parecia haver um julgamento muito diferente dependendo do gênero do sujeito envolvido. Um peso, duas medidas. O que por vezes, podia tomar contornos violentos e ainda assim era naturalizado, contudo eu não conseguia simplesmente aceitar e deixar passar por mim o que me incomodava, esses incômodos passaram a me acompanhar desde então.

Por conta disso, entre meus encontros e desencontros com as psicologias, o que permaneceu foi meu interesse pela psicologia social e, em particular, pelos estudos de gênero. Durante minha graduação participei de um grupo de pesquisa voltado a discutir gênero e sexualidade, foi quando tive a oportunidade de discutir tais questões academicamente. Foi ainda durante esse momento em que tive, pela primeira vez, contato com um dos grupos presentes neste trabalho: os ativistas pelo direito dos homens e pessoas que se intitulavam masculinistas, que costumeiramente propagavam discurso de ódio contra minorias, principalmente mulheres. Em um

primeiro momento, isto me causou estranheza, mas não fez com que detivesse minha atenção sobre estes por muito tempo, pois me pareciam ser insignificantes.

Contudo, alguns anos após, isso veio novamente até mim e desta vez me impactou de forma mais significativa. Isto foi quando ocorreu o massacre de Suzano, em 13 de março de 2019, onde dois jovens entraram em uma escola em Suzano, São Paulo, mataram cinco estudantes e duas funcionárias; posteriormente um dos criminosos disparou contra seu comparsa, matando-o, e em seguida se suicidou. Sendo que esses criminosos tinham o hábito de frequentar fóruns online repletos de discurso de ódio, foi seguindo essa trilha que fui levada a conhecer o que vem sendo chamado de *manosfera* (*manosphere*), e passei a ter uma visão mais ampla não só sobre os ativistas mencionados anteriormente, mas dos grupos que a compõe.

Para além dos ativistas pelos direitos dos homens (*men's right activists – MRA*), também fazem parte da *manosfera* os artistas da sedução (*pick-up artists – PUA*), os celibatários involuntários (*involuntary celibates – Incels*) e os homens seguindo seu próprio caminho (*men going their own way – MGTOW*), os quais explicarei em mais detalhes adiante. Mesmo esses grupos tendo divergências, há um ponto em comum entre eles, a crença no *ginocentrismo*. Para eles a sociedade ocidental vive uma cultura *ginocêntrica*, na qual as mulheres é que estariam em uma posição social mais privilegiada, sendo colocadas no centro do bem-estar social. Usam para sustentar isso o fato de homens terem sido mandados para guerras e terem de assumir trabalhos pesados; enquanto as mulheres eram “protegidas” ficando restritas ao ambiente doméstico, tendo de ser sustentadas pelos homens. Fato que para esses grupos coloca os homens em uma posição de subserviência.

No Brasil um dos precursores deste movimento chama-se Aldir Gracindo, criador do *site A voice for men Brasil*, que se propunha a trazer o ativismo pelos

direitos dos homens para nosso país. Esse *site* é homônimo de um *site* estadunidense¹, que se trata do principal portal utilizado pelos MRAs. Atualmente a página criada por Aldir não se encontra mais disponível, tendo sido substituída pelo *site* “Movimento do direito dos homens²”.

Essa ideia de ginocentrismo era um dos pontos que mais me incomodava nesses grupos, pois acaba por invisibilizar toda a violência de gênero sofrida por mulheres, como também, qualquer forma de dominação masculina. Tendo em vista que quando algo passa a reverberar como um discurso, não se limita apenas a ficar em um nível de abstração, mas possui um impacto relevante no social, podendo alterar os jogos de força e produzir sujeições e subalternidades. Por isso me inquietava pensar por que esses homens estavam agora reivindicando um lugar de vítima na sociedade, como se fossem eles os oprimidos de fato.

Além disso é muito presente na manosphere a ideia de *matrix* e *red pill*, sendo uma alusão ao filme *Matrix* de 1999, na qual esses sujeitos propõem tirar os homens da “ilusão” em que vivem e mostrar a “realidade por trás dos véus”, mostrar a “verdade” de que, segundo eles, seriam os homens as verdadeiras vítimas do sistema social vigente. Tudo isso será discutido com maior profundidade mais adiante.

¹ <https://avoiceformen.com>

² <https://mdhbrasil.org/>

2 METODOLOGIA

2.1 CONSTRUINDO A QUESTÃO DE PESQUISA

Para compreender o movimento que esses grupos fazem, é importante termos em mente que esses grupos surgem eminentemente em um embate político, tentando tomar lugar dentro de um jogo de forças, sendo a realidade e suas definições um campo aberto de disputas. Pois, os elementos que compõem a realidade não são dados a priori, mas são moldados e tornados reais por meio de práticas contingente histórica e culturalmente.

Afirmar isto implica dizer que a realidade é múltipla e, sendo múltipla, também é política. Assim, podemos dizer que com o que estes grupos se ocupam de fato é com a defesa de uma certa política ontológica. Annemarie Mol (2008; 2003) ao teorizar sobre política ontológica, o faz para enfatizar como o político está implicado no real, isso sugere que a realidade não precede as práticas com as quais interagimos, mas antes é moldada por estas práticas. Esse termo torna evidente o processo ativo de modelação do real por meio de práticas sociais. Se o real não precede as práticas mundanas, então as condições de possibilidade não estão dadas, mas sim são modeladas no interior dessas práticas, sendo esse processo de caráter tanto aberto quanto contestado. A “política” trata-se do fato de que a realidade poderia organizar-se de diversas maneiras diferentes, há diversas possibilidades para se moldar o social. Contudo, isto não se trata de uma “escolha”, no sentido próprio da palavra, já que não há um momento obvio no qual essa escolha é feita.

O velho conceito de ontologia já foi empregado de diversas formas. Na filosofia pós-Kantiana esse termo se refere ao que as ciências nunca poderiam alcançar, pois

buscavam compreendê-la através de seus próprios termos e categorias que criavam. Contudo, aqui não se trata de tentar alcançar a realidade e nunca a tocar, ao mobilizar a noção de ontologia e colocá-la no plural (ontologias), dá-se um novo significado, não como algo que precede o conhecimento, mas como algo que é feito, encenado ou performado (MARTIN; SPINK; PEREIRA, 2018).

A partir disto a questão deixa de ser buscar por qual perspectiva estaria mais próxima e seria mais fiel à realidade, mas sim pensar em qual realidade queremos/estamos tornando mais real através de nossas práticas, tendo em vista que a política ontológica é um conceito que nos leva a reconhecer que nossas escolhas trazem efeitos de realidade e fazem diferença em como os objetos do mundo são tornados reais (MOL, 2008; CORDEIRO; SPINK, 2013). Nesse caso nos levaria a pensar sobre o que esses grupos estão buscando tornar real, de que forma pretendem moldar a ordem social.

Pensar a partir da noção de política ontológica faz com que seja retirado da realidade esse caráter supostamente estável e determinado, mostrando que, ao contrário, o que compreendemos por realidade é algo localizado histórica, cultural e materialmente. Falar de realidades múltiplas faz com que Mol (2008) recorra a outros conceitos, como o de performance (*enact*), que propõem que a realidade é feita e performada, e não tanto observada, pois a realidade é moldada e manipulada através de diferentes práticas, em lugar de ser apenas vista por uma diversidade de olhos.

Aqui podemos pensar no papel que os discursos podem ocupar em meio a isso, já que estão sempre envoltos nas malhas do poder que perpassam todas as relações entre os sujeitos. O discurso não é apenas um conjunto de signos e significantes que carregam determinado conteúdo, mas se materializam através das práticas sociais dos sujeitos, possuindo, assim, um relevante impacto social (FOUCAULT, 2013).

Nesses grupos em questão podemos observar um movimento no qual esses sujeitos pretendem alçar suas ideias a um posto de verdade que estaria acima de todas as outras, uma verdade com V maiúsculo. Esse movimento não acontece por acaso, muito menos de forma despreziosa, pois, seguindo uma perspectiva foucaultiana, reivindicar a si uma verdade absoluta é reivindicar poder, ou melhor, é reivindicar uma posição nas relações de poder que melhor permite controlar e conduzir a conduta de outrem, na medida em que há uma relação estreita entre saber e poder; o exercício do poder sempre correlaciona-se, de uma forma ou de outra, com a manifestação de uma verdade, onde o conhecimento científico é apenas uma forma através das quais pode-se manifestar o verdadeiro (FOUCAULT, 2009).

Candiotto (2006) traz que Foucault produz algumas reflexões sobre os discursos científicos que manifestam verdades a serem imputadas aos sujeitos, diz que essas verdades são em última instância “efeitos de verdade produzidos por mecanismos estratégicos de poder” que fazem parte das práticas sociais. (CANDIOTTO, 2006, p. 69,70) Ou seja, funcionam como se fossem verdade com o intuito de justificar certa assimetria nas relações de poder, justificar um governo de condutas. Costuma haver certas finalidades para que um discurso seja investido como verdadeiro em determinado momento histórico, produzindo efeitos de poder que irão subjetivar os indivíduos.

Assim sendo, as alusões a *matrix* e a *red pill* e o apelo a uma suposta natureza biológica, muito comum nesses grupos, podem ser estratégias discursivas que visam apenas melhor moldar a realidade, pois, se se trata da “verdade” para além da ilusão da *matrix*, não há como contestar; se é da “natureza”, não há como se desvencilhar.

Portanto, a questão que norteará este estudo é qual é a ontologia articulada a questões de gênero que os grupos pertencentes a manófera pretendem tornar reais através de suas práticas discursivas?

Penso ser de suma importância compreender o movimento que esses grupos fazem e para que realidade apontam, sem subestimar suas capacidades de mobilizar forças no campo social, tendo em vista que nos recentes anos, vimos movimentos reacionários e de extrema direita ganhando força no cenário político brasileiro, juntamente com uma escalada do neofascismo, que se intensificou desde o golpe de 2016.

Depois de uma intensa mobilização por parte de diversos movimentos sociais, grupos neoconservadores com nuances nefastas voltam a ameaçar as liberdades de alguns grupos sociais, apoiando ataques violentos contra minorias e alimentando discursos e práticas onde o ódio perpassa as relações, em uma tentativa de refrear quaisquer mudanças sociais, em prol da manutenção de certos privilégios de classe, raça e gênero (DANTAS; SANTOS, DIMENSTEIN; MACEDO, 2020).

Com, relativamente, poucos estudos sobre esses grupos, trata-se de um tema que não pode ser negligenciado. Pois, há um potencial perigoso em seus discursos, na medida em que podem levar a uma legitimação de ideias sexistas, misóginas, transfóbicas e homofóbicas. Portanto, urge lançar um olhar crítico sobre tais grupos.

Sem a intenção de esgotar o tema, busco provocar e produzir algumas reflexões, pois caso fosse outra pesquisadora possivelmente surgiriam outras questões fruto de outros atravessamentos. Não busco estabelecer verdades últimas acerca do tema em questão, mas sim problematizar questões relacionadas a gênero, a fim de potencializar uma força de criação que leve a uma sociedade onde haja

respeito pela diversidade e pluralidade intrínseca a condição humana, propiciando relações mais éticas.

2.2 PERCURSO METODOLÓGICO

Fazer pesquisa e produzir conhecimento dentro das ciências humanas nos leva inevitavelmente a um desafio quanto a nossa posição enquanto pesquisadora e a problematizar as relações entre sujeito/objeto, rompendo com esta aparente dicotomia, na medida em que pesquisar é indissociável de intervir. A pós-modernidade faz uma crítica quanto aos postulados de racionalidade e neutralidade comumente defendidos por uma ciência positivista, ciência esta em que para a racionalidade científica ser possível o/a pesquisador/a deveria prezar por características como objetividade, fiabilidade, neutralidade, constância e continuidade.

Contudo, a subjetividade faz parte do processo de pesquisa e precisa ser considerada durante tal. O fato de que houve, por muito tempo, na ciência um viés androcêntrico, demonstra que quem pesquisa não consegue simplesmente dissociar-se de sua subjetividade ao conduzir uma pesquisa, de forma que a objetividade almejada pelo pensamento positivista se tratava, na verdade, da adoção de uma subjetividade única camuflada de neutralidade (ÍÑIGUEZ, 2002; GOÉS, 2019). Apesar disso, quem agora está em foco de análise nesta pesquisa é aquele que sempre teve a norma a seu lado. Aquele que sempre esteve em uma posição de sujeito tão marcada quanto qualquer outra, mas que suas marcas eram apagadas assumindo uma pretensa posição de neutro, universal; a norma a partir da qual o outro é definido.

Portanto, a questão da objetividade na produção de conhecimento, não se trata de buscar uma visão que transcende todos os limites e pode representar a tudo e a todos partindo de um olhar de lugar nenhum, mas trata-se de uma visão corporificada, localizada, pois, todos os olhos são ativos, construindo modos específicos de ver, ou seja, modos de vida. Corporificando nossos saberes podemos nos tornar responsáveis pelo o que aprendemos a ver, evitando construir um conhecimento não localizável e, conseqüentemente, irresponsável (HARAWAY, 1995).

Portanto, Donna Haraway (1995) traz que objetividade feminista consiste basicamente em saberes localizados, não na transcendência e na divisão entre sujeito e objeto. Defende que a alternativa ao relativismo não é uma visão única, não marcada e não localizável, mas que a melhor alternativa são saberes “parciais, localizáveis e críticos apoiados na possibilidade de redes de conexão” (p. 23).

Indo ao encontro disso, este estudo se deu a partir de uma cartografia, um método de pesquisa-intervenção formulado a partir das contribuições de Deleuze e Guattari, no qual me mantive aberta ao encontro do que circula em blogs, páginas, fóruns e plataformas de *streaming* que possam ser pistas para meu intento, iniciei meus percursos seguindo as contas em redes sociais de Aldir Gracindo³, o *site* “Movimento dos direitos dos homens” e a página MGTOW.TV. Para tal mantive um diário de campo no qual registrei minhas reflexões e afetações provocados pelo campo de pesquisa. Também utilizei como ferramentas teórico-metodológicas os conceitos foucaultianos de relações de saber-poder, discurso e a noção de política ontológica de Annemarie Mol.

³ Optei por iniciar a partir desse sujeito pois, foi ele quem se propôs a trazer para Brasil o ativismo pelo direito dos homens e toda a “teoria” do ginocentrismo.

A cartografia como um método de pesquisa-intervenção, que leva em conta a indivisibilidade entre conhecer e fazer, traz como importante contribuição a problematização do ato de pesquisar e da posição do/a pesquisador/a, onde a pesquisa se torna um “campo de experimentação, atravessado pelo regime de sensibilidade” (ZAMBENEDETTI; SILVA, 2011 p. 457), rejeitando assim a noção de um/a pesquisador/a neutro em relação a campo, apenas coletando dados como se eles estivessem lá a priori. Na cartografia a produção de dados é operada no encontro do/a pesquisador/a e suas ferramentas conceituais com o campo, encontro este que pode modificar tanto o/a pesquisador/a quanto o campo, desenhando possíveis caminhos para a sua constituição (ZAMBENEDETTI; SILVA, 2011).

Esse método pressupõe uma atitude aberta por parte de quem pesquisa que se vê implicado em um processo de pesquisar que passa a acompanhar levando em conta que objeto, sujeito e conhecimento são efeitos coemergentes desse processo. Tendo em vista a indissociabilidade dos processos de pesquisar e intervir, isso leva o/a cartógrafo/a a estar implicado no que pretende conhecer, o trabalho de análise é ao mesmo tempo descrever, intervir e criar efeitos-subjetividades. A subjetividade ocupa um lugar importante no processo de cartografia, pois é através das percepções, sensações e afetos vividos pelo/a pesquisador/a no encontro com seu campo de pesquisa que se dá a produção de conhecimento. Quem produz conhecimento não é neutro/o e dissociado/o de seu objeto de pesquisa. Quando ocorre esse encontro há diversas forças presentes, de forma que nem este, nem aquele, permanecem o mesmo após este encontro, pois, o conhecimento é processual e inseparável do próprio movimento da vida e dos afetos que acompanham (PASSOS; BARROS, 2015; ROMAGNOLI, 2009).

Cartografar não é somente levantar e interpretar dados, é um exercício ativo de operação sobre o mundo. A/O cartógrafo/a não tem definido a priori um itinerário a ser percorrido, ao contrário, pesquisar através de um método cartográfico é um caminho que se faz ao caminhar, se faz na força dos encontros, nas dobras produzidas na medida em que percorre um território (PASSOS; BARROS, 2015; COSTA, 2014).

O método cartográfico não se propõe a retratar um objeto, capturar algo, mas sim acompanhar um processo, pois representar implicaria em tomar algo na sua forma instituída, enquanto que cartografar consiste em focar em seu processo de produção e transformação (ZAMBENEDETTI; SILVA, 2011). Para tal é necessário que quem cartografar esteja em constante movimento, afetando e sendo afetado pelo o que cartografa. Longe de buscar isolar o objeto de estudo de suas articulações históricas e conexões com o mundo, como postula a ciência moderna, a/o cartógrafo/a busca perceber a rede de forças na qual se encontra conectado determinado objeto. Para tal se faz necessário que a pesquisadora se “deixe levar” pelo campo coletivo de forças, o que não significa uma atitude de relaxamento por parte de quem conduz a pesquisa, mas de concentração sem focalização, para que assim, evite que prevaleça uma busca por informações e objetivos preestabelecidos e, então, a/o cartógrafo/a possa abrir-se ao encontro (BARROS; KASTRUP, 2015; COSTA, 2014).

A cartografia emerge como um método de produção de conhecimento a partir das contribuições de Deleuze e Guatarri (1995, p.16), de forma que a noção de rizoma é muito presente no fazer cartográfico. De acordo com os autores “num rizoma entra-se por qualquer lado, cada ponto se conecta com qualquer outro, não há um centro, nem uma unidade presumida — em suma, o rizoma é uma multiplicidade”. Assim, o rizoma caracteriza-se como uma rede de múltiplas conexões onde não há uma hierarquia, mas está em constante movimento produzindo novos agenciamentos.

Sendo esse campo de multiplicidade e variações contínuas, a cartografia busca produzir um mapa em um processo de experimentação que propicia a criação de novas coordenadas de leitura da realidade, rompendo permanentemente com certos equilíbrios estabelecidos. Contudo, esse mapa produzido através de um processo cartográfico é capaz de apenas produzir um decalque, pois, o mapa possui como características a abertura e conectividade, onde o ponto principal não é seu desenho final, mas o movimento de constituição de seu traçado. Portanto, esse método não traz uma série de regras pré-estabelecidas, mas exige a habitação do território pesquisado por parte do/a pesquisador/a e sua implicação com o campo (ZAMBENEDETTI; SILVA, 2011).

3 DISCUSSÃO E RESULTADOS

Nesta seção irei apresentar a manosphere de forma mais profunda e crítica e trarei as análises feitas dos materiais coletados, discutindo e problematizando as mídias e a produção do ginocentrismo, como também, questões relacionadas a violência de gênero, a forma como mulheres são retratadas nesse meio, a masculinidade e as noções relacionadas a propriedade e liberdade, atentando-se para a política ontológica presente nos grupos pertencentes a manosphere, de que forma pretendem moldar a realidade e o que pretendem fazer funcionar como verdade.

3.1 CONHECENDO CRITICAMENTE A MANOSPHERA

Estima-se que o termo *manosphere*, um neologismo com a palavra *blogosfera*⁴, começou a ser usado em 2009 por usuários do *Blogspot*⁵, sendo posteriormente popularizado por alguns veículos de mídia que passaram a usar esse termo para noticiar alguns atos de violência e assédio cometidos por sujeitos que possuíam vínculos com grupos pertencentes a manosphere (GING, 2019).

O que vem sendo conhecido como manosphere começou a tomar forma com a emergência da Web 2.0, compreendendo um conjunto de blogs, fóruns, canais em plataformas de streaming e páginas em redes sociais onde alguns homens promovem uma forma recrudescida de masculinidade, tendo um forte teor antifeminista. Os grupos mais antigos nesse âmbito são os ativistas pelo direito dos homens (MRA) e os artistas da sedução (PUA), posteriormente cedendo espaço a grupos mais novos

⁴ Espaço virtual composto pelos blogs, sites cuja estrutura permite a atualização rápida a partir de acréscimos dos chamados artigos, postagens ou publicações.

⁵ Serviço gratuito oferecido pelo Google para criação de blogs.

e mais extremistas, os MGTOW e os Incels. É possível dividir, de forma simplificada, a evolução da manosphere em três momentos. Um primeiro momento de 2006 a 2011 onde os MRAs e os PUAs eram os grupos predominantes e os Incels estavam em seu início; segundo momento de 2012 a 2016 em que houve um crescimento do grupo MGTOW e um declínio dos PUAs; e um terceiro período de 2016 a 2018 quando os grupos Incels e MGTOW passaram a predominar dentro da manosphere (RIBEIRO et al., 2020).

O movimento de ativistas pelo direito dos homens tem como uma de suas principais referências o estadunidense Warren Farrell, que iniciou seu ativismo ainda na década de 60 dentro do movimento pela liberação masculina, movimento este que possuía uma ligação com movimentos feministas, tanto que Farrell chegou a ser eleito para o quadro de diretores da Organização Nacional das Mulheres⁶ de Nova York. Contudo, esse autor partia da premissa de que não havia dissimetrias nas relações de gênero, sendo os homens tão oprimidos quanto as mulheres. Por negar haver qualquer dominação masculina, isto foi levando a uma tensão com o movimento feminista, quando em 1993, Farrell rompe com o feminismo ao publicar o livro *The Myth of Male Power* (O mito do poder masculino, em uma tradução livre), onde articula a tese de que os homens são tratados como o “sexo descartável”, por terem de servir em guerras e assumir trabalhos perigosos, para ele no decorrer da história nunca houve qualquer preocupação com a vida e bem-estar de homens (FARRELL, 1996).

Alguns anos após o lançamento de *The Myth of Male Power*, foi se formando um grupo de homens que eram em muito inspirados pelas ideias de Warren Farrell. Um de seus mais proeminentes seguidores, Paul Elam, criou em 2009 o site *A voice*

⁶ Entidade feminista estadunidense fundada em 1966, por Pauli Murray e Betty Friedan, com o objetivo lutar pelos direitos femininos e promover a igualdade de gênero.

for men (AVFM) que passou a ser o principal *site* com conteúdo relacionado ao movimento pelos direitos dos homens. No Brasil, como dito anteriormente, havia o *A voice for men Brasil* criado por volta de 2013, contudo foi retirado do ar em 2019, sendo substituído pela página Movimento do direito dos homens, na qual foi republicado todo o conteúdo que havia no *site* anterior (*A voice for men Brasil*). Esse site, criado por Aldir Gracindo, tem por objetivo:

... promover educação, informação e encorajamento a homens e meninos. A fim de elevá-los acima do ruído, riscos e prejuízos da misandria e ginocentrismo culturais, institucionais, externos ou internalizados, “tradicionalistas” ou “progressistas”, na esfera individual ou social e política, de forma a promover seu bem-estar mental, físico, econômico e social, sem cedências ou desculpas. (MOVIMENTO DO DIREITO DOS HOMENS, 2021).

Uma das pautas mais levantadas por esse movimento é relacionada ao direito de família e ao fato de existirem leis especiais para proteger as mulheres, contudo os MRAs dizem não ter por objetivo mudanças em termos legais. Seus principais esforços são empreendidos tendo em vista mudanças culturais, na qual se propõem a mudar a “narrativa cultural” devido a qual as mulheres estariam gozando mais privilégios atualmente, pois esta narrativa cultural predominante privilegiaria um ponto de vista feminino, entretanto não são mais específicos quanto a que mudanças seriam essas.

Para esses sujeitos, as recentes mudanças sociais estão levando a sociedade a um declínio, acreditam que “a ideia de liberdade e equidade entre os sexos foi corrompida”, então o que antes era uma “cooperação entre os sexos” tornou-se um “parasitismo ginocêntrico”. Parece-me que sentem como se um equilíbrio tivesse sido desfeito a partir do momento em que as mulheres passaram a buscar por independência e emancipação; e os homens foram perdendo certos espaços,

segundo eles “os esforços para aumentar os direitos das mulheres tornaram-se esforços tóxicos para minar os direitos dos homens” (A VOICE FOR MEN, 2021).

Michael Kimmel, sociólogo que já se dedicou a estudar esse movimento de homens, relata que em determinado momento foi convidado a participar de um debate juntamente com outros dois MRAs, cujo tema era “perdi meu emprego para uma mulher negra”, ocasião em que então, Kimmel questionou por que o título do debate não era simplesmente “uma mulher negra conseguiu o emprego” (KIMMEL, 2013). Aparentemente esses MRAs sentem como se alguns espaços fossem seus por direito, então uma maior inclusão na sociedade de grupo marginalizados, lhes parece como uma perda de direitos.

Em determinado trecho onde declaram sua missão no *site A voice for men*, é dito que: “Libertar apenas um dos sexos de expectativas baseadas em sexo, nunca resultará em liberdade para nenhum dos sexos. É simplesmente a fundação de exploração através da qual a tirania é construída e administrada” (A VOICE FOR MEN, 2021). Isso dá a entender que os MRAs estariam buscando por uma liberação masculina, para que os homens também se vissem livre de “expectativas baseadas em sexo”, entretanto entendo que esses ativistas estão mais propensos a endossar uma masculinidade hegemônica do que a problematizá-la.

Há uma fragilidade retórica intrínseca ao pensamento masculinista que, não raro, se contradiz. Querem uma volta a masculinidade tradicional, mas criticam veementemente homens serem colocados como protetores e provedores, tendo que assumir pesados fardos por isso; criticam as mulheres por terem abandonado seu papel social tradicional, mas também desprezam aquelas que vivem às custas do seu marido. Michael Kimmel e Bethany Coston (2012) trazem que esses sujeitos apresentam uma certa confusão, parecem não saber se querem restaurar o

patriarcado, ou pretendem liberar os homens, se prefeririam viver em 1950 ou em 2050. Esses autores trazem que seus *websites* e panfletos são repletos de angústia e confusão e é no movimento pelo direito dos homens que essa angústia se transforma em raiva, em uma tentativa de retomar o poder a qualquer custo.

Dentro da manosphere o MRA é o grupo que apresenta um tom mais moderado fazendo alguns esforços para distanciar-se de acusações de misoginia, sendo o único que tolera a participação feminina em seus grupos, inclusive alguns dos textos publicados pelo AVFM são escritos por colaboradoras do sexo feminino. Essas mulheres costumam ser chamadas de *honey badgers*, esse nome refere-se aos texugos-do-mel por esses serem vistos como animais pequenos, mas destemidos. Existe, formado por elas, o grupo *honey badger* brigade que possui um site homônimo⁷ dedicado a defender os direitos dos homens.

Os PUAs, um grupo também antigo nesse meio, compactuam em algumas ideias com os MRAs como por exemplo, é comum dentro desses dois grupos uma exaltação a uma forma de masculinidade tradicional que sentem ser desprezada pela sociedade ocidental, sociedade essa que ambos os grupos acreditam estar em declínio. Contudo possuem um objetivo muito distinto que é o de seduzir.

O principal site utilizado pelos PUAs é o *Return of Kings*, criado por Daryush Valizadeh – precursor desse grupo - mais conhecido pela alcunha de Roosh V., onde busca auxiliar os homens a aprimorarem suas habilidades de conquista e a entenderem melhor sobre a natureza feminina. Seus ensinamentos seguem alguns princípios, entre eles estão ideias como: homens e mulheres são diferentes tanto física quanto psicologicamente por conta de sua genética; o valor de uma mulher está atrelado a sua beleza e fertilidade, e dos homens aos seus recursos, intelecto e caráter; os

⁷ <https://honeybadgerbrigade.com/>

papéis de gênero tradicionais são necessários para a ordem social; feminismo, socialismo e marxismo cultural servem apenas para destruir as famílias e empobrecer o Estado.

A racionalidade seguida pelos PUAs é permeada e embasada na ideia de neomascuidade que foi desenvolvida também por Roosh V. O conceito de neomascuidade reúne uma série de crenças que teriam por intuito auxiliar os homens a viverem em uma sociedade ocidental que desprezaria características tradicionais masculinas. Traz um forte apelo a uma suposta natureza biológica que conferiria características distintas a homens e mulheres a partir das quais se justificariam os “papéis” de gênero que, segundo Roosh V., seriam necessários para o bom funcionamento da sociedade.

Então, o mal-estar e os impasses sentidos atualmente seriam devido ao feminismo ter minado a funcionalidade desses papéis de gênero, fazendo com que as mulheres agissem como homens e ainda as sujeitando a pensar que uma forma de masculinidade tradicional é tóxica e misógina. Então, para que um homem pretenda ter algum sucesso em conquistar uma mulher, precisaria compreender essas mudanças e compreender essas mulheres que já não são como antes, compreender “o jogo”. É a isto que se propõem Roosh V. e seus seguidores.

“O jogo” é como esses sujeitos chamam as táticas e comportamentos adotados com o intuito de atrair a mulher que desejam. Seria em última instância entender a natureza e os desejos femininos e corresponder a tais, desejos estes que estão em constante mudança e, por conseguinte, o jogo também. Contudo, segundo estes PUAs haveria uma instância interna nesse jogo que permaneceria sempre a mesma, pois seriam baseadas em verdades biológicas sobre a “ciência reprodutiva animal” e o comportamento sexual feminino (ROOSH, 2015).

Dentro dessa racionalidade há uma forte defesa ao patriarcado, como sendo o sistema social mais funcional que garantiu a subsistência da humanidade, por reconhecer as “aptidões naturais” de ambos os sexos. Como também, constantemente flerta com ideias de supremacia masculina que está sempre a se insinuar em suas divagações.

Roosh V., que já realizou encontros por diversos países, sendo que um desses encontros que seria realizado em Toronto foi cancelado após um clube local de boxeadoras se manifestar confirmando presença no evento⁸, tornou-se uma figura polêmica por ser considerado não apenas misógino, mas também, homofóbico, xenófobo e racista. Formado em microbiologia pela Universidade de Maryland dedicou maior parte da sua vida ao movimento dos *Pick up Artists*, entretanto o *Return of Kings* está sem publicações novas desde 2018, após decidir parar por tempo indeterminado com as postagens, em grande parte por falta de recursos financeiros.

As técnicas de sedução ensinadas pelos PUAs pareciam não ser tão eficazes assim, tendo em vista a criação do fórum PUAHate, onde diversos jovens se mostravam desiludidos com os artistas da sedução. Esse fórum ganhou notoriedade por ser frequentado por Eliot Rodger autor do massacre de Isla Vista, após a repercussão desse caso esse fórum foi desativado e substituído pelo SlutHate, o próprio nome desse fórum já indica o nível de misoginia presente (BARBARA, 2018). O SlutHate foi atuante por muito tempo, mas atualmente não está mais disponível.

Eliot Rodger era um estudante que se identificava como Incel, no dia 23 de maio de 2014 ele perpetrou um assassinato em massa na região de Isla Vista, Califórnia, Estados Unidos, matando 6 pessoas, ferindo outras 13 e suicidando-se em

⁸ <https://revistamarieclaire.globo.com/Comportamento/noticia/2016/02/evento-que-defende-estupro-e-cancelado-apos-boxeadoras-ameacarem-comparecer.html>

seguida, sendo que sua intenção inicial era matar principalmente jovens universitárias, pois sentia-se injustiçado por ser rejeitado por elas. Esse episódio passou a ser conhecido como o massacre de Isla Vista. Um ato abominável, porém, entre comunidade Incels, Eliot passou a ser reverenciado como *saint* Eliot.

Mais recentemente houve no Reino Unido, no dia 12 de agosto de 2021, um atentado⁹ que está sendo considerado como o pior ataque a tiros na última década, onde um jovem de 22 anos matou 5 pessoas e, posteriormente, se suicidou. O autor identificava-se como incel.

Os incels mesmo que não compartilhem dos intuitos dos MRA e dos PUA, não sendo nem ativistas nem sedutores, apresentam uma afinidade com estes grupos que circulam na manosphere por conta de sua retórica frequentemente hostil às mulheres que não raro as culpam por problemas que homens enfrentavam na sociedade contemporânea, sendo esse um ambiente propício para darem vazão às suas frustrações e ao ódio por sentirem-se rejeitados.

No Brasil também ocorreu um complexo caso de massacre que acabou envolvendo a comunidade incel. Em 7 de abril de 2017, no município do Rio de Janeiro, aconteceu o fatídico episódio que ficou conhecido como massacre de Realengo, no qual Wellington Menezes, entrou em uma escola armado e abriu fogo contra os estudantes matando 12 deles - sendo 10 meninas e 2 meninos - com idades entre 13 e 16 anos, suicidando-se em seguida. Sendo Wellington incel ou não, quem passou a glorificar esse ato foram comunidades online ligadas a manosphere, principalmente comunidades incel. Da mesma forma que aconteceu com Eliot, Wellington também passou a ser chamado de *saint*, dentro de fóruns frequentados por incels.

⁹ <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-58214609>

Um dos grupos mais recentes que vem tendo grande adesão é os MGTOW, costumam apresentar um discurso extremista e compactuam com ideias recorrentes na manófera de que vivemos em uma sociedade misândrica e ginocêntrica. Um dos princípios norteadores do MGTOW é rejeitar o casamento, o amor romântico e o cavalheirismo pois, para eles, estes se tratam de “costumes ginocêntricos” que acabam por levar à servidão masculina. Esse grupo usa um símbolo próprio que se assemelha a uma placa de trânsito, onde há uma seta saindo de um traço central, o que para eles representaria o abandono ao casamento e à sociedade em geral.

Figura 1 – Símbolo MGTOW



Fonte: mgtow.com

As origens desse grupo são imprecisas, entretanto parecem ter emergido do fenômeno “*Red Pill*”, discutido na próxima seção (LIN, 2017). Boa parte daqueles que se identificam como MGTOW se manifestam de forma anônima, poucos mostram sua própria identidade, e aqueles que o fazem geralmente são homens brancos.

Trata-se de um grupo de homens que pretendem “manter sua soberania”, vivendo de acordo com os próprios interesses ao evitar comprometer-se em um casamento. Também buscam rejeitar “preconceitos e definições culturais do que é ser um homem” (MGTOW, 2020a). Interessante observar que enquanto dizem rejeitar

definições culturais sobre ser homem, quando falam sobre o que é a mansferra estes mesmos MGTOW parecem apresentar um certo saudosismo por atualmente os homens não serem mais valorizados como deveriam por seus esforços em prover e proteger:

Os homens não perderam a necessidade de encontrar a felicidade fornecendo, protegendo, sacrificando e conquistando; nós simplesmente descobrimos que cuidar da feminista moderna, trabalhar como um cachorro para proteger uma família que pode ser levada embora a qualquer momento, ou arriscar nossas vidas para conquistar recursos para algumas mulheres ingratas que afirmam que ela pode fazer isso sozinha é uma maneira vazia de viver (MGTOW, 2020b).

Assim, o que me parece é que o que esses sujeitos buscam mesmo rejeitar são desestabilizações em uma forma de masculinidade hegemônica e tradicional.

Convencidos de que o feminismo está destruindo a sociedade, os MGTOW pretendem se livrar de suas influências que veem como nocivas, para preservar sua masculinidade buscando apenas o apoio de outros homens que se organizam em comunidade online. No cerne de sua racionalidade há o predomínio de um dogma individualista, de viver nos seus próprios termos a qualquer custo (LIN, 2017).

Esse grupo se organiza principalmente pelo fórum MGTOW.COM e pela plataforma MGTOW.TV onde são veiculadas diversas formas de conteúdo, mas principalmente vídeos. A MGTOW.TV é aberta e conta com a participação de usuários dos mais diversos lugares do mundo, contudo é possível constatar que há uma grande participação de países como Estados Unidos e Brasil, pois entre os canais mais populares nessa plataforma a maior parte são canais brasileiros e estadunidenses. Ao contrário dos MRAs os MGTOWs dizem não ter por principal objetivo provocar alguma mudança, pretenderiam apenas preservar-se e proteger-se de uma sociedade que

lhes parece misândrica; e o fazem mantendo-se distante das mulheres e disseminando a *Red Pill*.

3.1.1 *Red Pill*, Ginocentrismo e a “Bolha Misândrica”

A ideia de tomar uma *Red Pill* é muito presente na manosphere, trata-se de uma referência ao filme de ficção científica *Matrix* lançado em 1999 no qual um jovem programador descobre que é vítima do *Matrix*, um sistema inteligente e artificial que manipula a mente das pessoas e cria a ilusão de um mundo real enquanto usa os cérebros e corpos dos indivíduos para produzir energia. Em determinado momento é dado ao protagonista a possibilidade de escolher entre tomar a *blue pill* ou tomar a *red pill*, caso tomasse a *blue pill* ele voltaria a viver dentro de uma ilusão, mas se escolhesse a *red pill* ele sairia da *matrix*, deixaria de viver em uma ilusão e passaria a ver a realidade por mais dura que ela fosse.

Há nuances entre os grupos que compõem a manosphere, contudo a ideia de *red pill* é quase um consenso nesse meio, onde a maior parte (se não todos) dos masculinistas adotam essa metáfora, sendo esse um conceito chave para entender esses grupos. Para esses sujeitos quando alguém adota como verdade a visão que eles apresentam sobre a realidade social, significaria que esse sujeito optou por tomar a *red pill* e sair da *matrix*, da mesma forma que o herói Neo. Ou seja, teria optado por ver a dura realidade ao invés de viver em uma ilusão confortável. No filme de Lana Wachowski e Lilly Wachowski, a *Matrix* cria uma ilusão que faz com que os seres humanos acreditem que são livres quando na verdade vivem em uma simulação e são escravizados por um sistema inteligente, cuja existência ignoram. Analogamente esses masculinistas acreditam que dizer que as mulheres foram/são subjugadas é

uma ilusão criada para esconder o fato de que, na verdade, são os homens que são explorados e oprimidos por um sistema ginocêntrico, a *red pill* dada por eles traria a “verdade” sobre a realidade social e sobre a “natureza” feminina (VAN VALKENBURGH, 2018).

A apropriação da ideia de *Matrix* por parte desses grupos faz com que seja conferido ares heroicos àqueles que optam por aderi-los, como se fossem um grupo seleto de sujeitos que buscam pela “verdade” e tem “coragem” de encarar a “realidade” por mais desagradável que essa possa ser. Conseqüentemente aqueles que se sentem desconfortáveis ou recusam essas “verdades” são como traidores acovardados que preferem viver em uma ilusão cômoda.

Um fato relevante de ser pontuado é que as diretoras de *Matrix* são mulheres trans, algo que é solenemente ignorado por quem se diz redpilado¹⁰. Admiram a obra, mas renegam as autoras. Lilly em um vídeo para a Netflix Film Club¹¹ declarou que o intuito original dos filmes *Matrix* era trazer uma metáfora sobre a experiência de ser transgênero, tudo nesses filmes gira em torno do desejo de transformação. Contudo, ironicamente um filme que trazia como subtexto uma metáfora trans foi apropriado por grupos reacionários de extrema direita e movimentos conspiracionistas, entre esses os pertencentes a mansfera, grupos que apresentam um discurso biologizante sobre gênero que, em última instância, fere a existência das autoras da obra que mais se utilizam para sustentar seu discurso.

Para sustentar sua visão sobre *red pill* é comum que se utilizem do Mito da Caverna de Platão. Esse mito é uma alegoria onde Platão descreve prisioneiros dentro

¹⁰ Neologismo que circula dentro da mansfera para definir aqueles que “tomaram” a *redpill*, uma tradução equivalente do termo *redpiller*.

¹¹ <https://www.youtube.com/watch?v=adXm2sDzGkQ>
'Matrix', o clássico do cinema criado como uma metáfora trans, agora é uma arma da extrema direita | Cultura | EL PAÍS Brasil (elpais.com)

de uma caverna onde tudo o que viam do mundo exterior eram sombras projetadas na parede da caverna, então esses prisioneiros julgavam essas sombras como sendo a realidade em si. A caverna representa o mundo sensível, as sombras são as coisas desse mundo, o que está além é o mundo das ideias que só um filósofo conseguiria alcançar após se libertar de seus grilhões e sair da caverna (CHAUÍ, 2003). Seguindo essa lógica, esses indivíduos se veem como aqueles que conseguiram sair da caverna e alcançaram a verdade do que está por trás de meras sombras. Nesse caso ficar preso na caverna ou na *matrix* significa ter a compreensão usual que temos da realidade social, em especial das relações de gênero, já superar essa posição significaria adotar como verdade a crença no ginocentrismo e demais elucubrações desses grupos.

A crença no ginocentrismo traz que as mulheres estão em uma posição social privilegiada, e são colocadas no centro do bem-estar social, pois, para esses grupos o fato de as mulheres terem sido mantidas restritas ao ambiente privado era apenas por uma questão de proteção, que em última instância, colocava os homens em uma posição de subserviência, tendo que trabalhar para manter e “servir” as mulheres. De acordo com esses sujeitos, as práticas relacionadas ao ginocentrismo remontam à sociedade medieval, tendo suas origens no cavalheirismo e no amor cortês, na qual as mulheres eram tratadas quase como “deidades”.¹² Uma cultura que levaria ao sacrifício de homens em benefício das mulheres, que “institui regras para relações de gênero que beneficiem as mulheres em detrimento dos homens em uma ampla gama de medidas” (WRIGHT, 2020).

O ginocentrismo teria começado a surgir no século XII, tendo como algumas de suas raízes as práticas árabes de culto feminino, as tendências de cortejo aristocrático

¹² Mais informações podem ser consultadas em: <https://gynocentrism.com/> Acesso em: julho de 2021.

e o marianismo (culto a Virgem Maria). Voltando para a era medieval, tudo teria começado quando se instaura um código de conduta cavalheiresco de como se deveria tratar uma dama, no qual um homem deveria servir a honra e pureza das mulheres. E assim a “cultura ginocêntrica” do cavalheirismo foi se espalhando pelas cortes da Europa medieval, o que posteriormente teria levado à *Querelle des femmes*, movimento que se deu por volta de 1400 com o intuito de discutir os direitos e a posição social das mulheres, nasceu como um debate oral e escrito que buscava problematizar questões relativas as relações de poder marcadas pelo gênero na época (WRIGHT, 2020; BROCHADO, 2019). O que os masculinistas apagam em sua retórica sobre o ginocentrismo é que esse movimento questionava a subordinação imposta a pessoas do sexo feminino em uma sociedade patriarcal.

E assim, segundo eles, se arrastando por séculos o ginocentrismo teria chegado até os dias atuais, onde o feminismo nada mais seria do que uma expressão de uma cultura ginocêntrica que pretende relegar os homens a uma posição de subserviência. Dessa forma enquadram os movimentos feministas como apenas uma expressão do ginocentrismo e da misândria, mas ainda se aproveitando do “espírito cavalheiresco” para obter privilégios: “abrir a porta do carro passou a ser abrir a porta para a universidade ou o emprego por meio de ações afirmativas e ceder o lugar no ônibus passou a ser ceder lugares em salas de diretorias e partidos políticos por meio de cotas” (WRIGHT, 2020). A ideia de o feminismo ser apenas uma extensão do que acreditam ser o ginocentrismo é um ponto importante que vale ser destacado, pois para os masculinistas não bastaria ser apenas antifeminista, mas sim ser antiginocentrismo. Isso faz com que até mesmo mulheres conservadoras sejam hostilizadas dentro da manosphere, onde são chamadas de “conservadias”.

Um texto de 2010 que tornou-se uma referência para esses grupos, expressa bem suas preocupações. É um texto intitulado “a bolha misândrica”, escrito por Imran Khan e publicado originalmente¹³ no site *The Futurist*¹⁴, onde Imran inicia com a seguinte pergunta: “Por que parece que a sociedade estadunidense está em declínio, que a justiça e o decoro estão retrocedendo, que a mediocridade e a tirania estão se tornando malignas apesar da maioria do público ser avessa a tais filosofias, ainda que a verdadeira causa raiz parece elusiva?”

Então, passa a discorrer sobre como as relações entre homens e mulheres se deterioraram no mundo ocidental por conta da ação de feministas radicais e “homens sinistros e depravados” que apoiam o feminismo. Sendo que não apenas os homens, mas também as mulheres “boas” estariam sendo prejudicadas ao serem levadas a tomar escolhas de vida imprudentes e destrutivas. Nesse artigo o autor elenca o que chama de “quatro sirenes”, quatro forças que combinadas levaram a distorção da realidade e ao desequilíbrio da civilização, equilíbrio este que era funcional por ser ancorado nas “realidades biológicas de homens e mulheres”. As quatro sirenes são: 1º: Contracepção fácil que tornou possível para as mulheres terem vários parceiros e “seguir seus impulsos de hipergamia”. 2º: Facilidade em se divorciar podendo elas deixar um casamento sem ter que declarar nenhum motivo, diferentemente de anos atrás quando teria de provar má conduta do marido para conseguir um divórcio. 3º: Liberdade econômica feminina, pois agora as mulheres não precisam mais do casamento para obter apoio financeiro. E, por fim, 4º: Engenharia social centrada nas mulheres, ou seja, leis que as protegem. Esses fatores juntos fizeram com que as

¹³ Esse texto não está mais disponível no referido site, mas foi republicado pelo site TechNoir. Disponível em: <https://technoir106267938.wordpress.com/2019/10/10/a-bolha-misandrica/>. Acesso em: setembro de 2021.

¹⁴ Site que publica diversos textos que discutem sobre perspectiva de futuro a longo prazo acerca dos mais diversos temas.

mulheres tivessem a liberdade para se eximirem de suas responsabilidades tradicionais, dessa forma minando as relações monogâmicas.

Imran Khan ainda traz, em seu longo texto, sobre o “mito da opressão” onde advoga que as mulheres nunca foram oprimidas da forma como feministas fazem crer, sendo essa uma narrativa inventada. Para justificar isso aponta para o fato de que homens eram exterminados em guerras e que, geralmente, sempre tiveram uma expectativa de vida menor. Também lamenta pelo que acredita ser um “vácuo de masculinidade no entretenimento”, pois não há mais personagens que expressam uma masculinidade tradicional como havia anos atrás, para servirem de modelo para jovens garotos. E apela para a ideia de uma “natureza primordial de homens e mulheres” em que para uma sociedade se fortalecer essa natureza deveria ser reconhecida e então, ambos os sexos deveriam assumir papéis complementares, não de natureza adversa, o que levaria ao conflito.

Entre os grupos que circulam pela manosphere há sempre um discurso biologizante, onde não fazem distinção entre sexo e gênero. Procuram sempre delimitar estritamente o que seria masculinidade e feminilidade, ancorando a uma ideia de natureza. Dentro disso há as alegações de que as mulheres são hipergâmicas. Hipergamia é um termo usado inicialmente pela antropologia para descrever a característica de algumas sociedades nas quais mulheres não se casavam com alguém cuja posição social fosse inferior, muito por conta de serem usadas como “moeda de troca” e para consolidar alianças. Contudo, esses grupos se apropriaram desse termo a fim de discorrer sobre o “instinto” hipérgamo que, para eles, seria intrínseco à “natureza” feminina, que faria com que essas estivessem inclinadas a estarem sempre procurando por alguém em uma condição social superior. No texto aqui citado, o autor chega a afirmar que estudos comprovaram (não

cita quais estudos) que da mesma forma que os homens não são monogâmicos, mas poligâmicos; as mulheres também não são monogâmicas, mas hipergâmicas.

Como já dito acima, esse texto se popularizou na manosphere por dar voz a aflições que comumente acometem aqueles que fazem parte desses grupos. De forma que as ideias de Imran Khan são amplamente aceitas e citadas dentro desse meio.

3.1.2 Sexo e gênero na manosphere: a desigualdade naturalizada

Por vezes me deparei com alguns sujeitos que fazem parte da manosphere usando termos como gênero e relações de gênero, mas ainda assim, não me parece que apresentam uma boa compreensão sobre o que esses termos tratam, parecem usar gênero e sexo como sinônimos intercambiáveis, estando, em geral, mais dispostos a fazer uma defesa de velhas noções sobre gênero ancoradas em uma suposta natureza. Indo ao encontro disso a página *O homem racional* (que apresentarei mais adiante) diz: “O mais próximo que podemos chegar da verdadeira igualdade de gênero é através do reconhecimento, celebração e incorporação de nossas diferenças como homens e mulheres, não o apagamento delas”.

Apelos a natureza se trata de uma estratégia típica de quem está interessado em manter o *status quo* e legitimar certas desigualdades sociais. A ideia de uma natureza é invocada já há muitos anos com o intuito de atribuir um caráter minoritário a certos grupos sociais e produzir um processo de subalternização desses. Assim, a “natureza” foi usada para manter as mulheres distantes da vida pública e restritas ao ambiente privado. Não é a natureza, a biologia que por si só causa as desigualdades sociais, pelo contrário, são essas desigualdades que são justificadas e legitimadas através de discursos biologizantes. Um grupo se torna uma minoria dentro de um

contexto político e social a partir da atribuição de um status minoritário a alguma característica desse grupo o que justificaria um tratamento desigual (SANTOS, 2010; SCOTT, 2005).

Como Guacira Lopes Louro (2008, p.22) traz: “A diferença não é natural, mas sim naturalizada”. A diferença não preexiste um corpo, como uma realidade dada para ser apenas reconhecida, mas sim é atribuída a um sujeito em relação a uma certa identidade que é tomada como referência e construída historicamente como a posição-de-sujeito neutra a partir da qual a diferença será definida. Constantemente as políticas e os saberes legitimados inscrevem e reinscrevem as marcas da diferença, é no interior da cultura que determinadas características assumem significados específicos (LOURO, 2008).

Na narrativa que circula pela manofera há constantemente a delimitação de “papéis”, de lugares que os sujeitos poderiam ocupar de acordo com uma suposta natureza. Entretanto, o que vemos na verdade são certas posições-de-sujeito que se constituem através de visões de mundo e significações produzidas por uma cultura, pois as práticas culturais interpelam e recrutam as pessoas a determinadas posições-de-sujeito, sendo assim a cultura constituidora de identidades e subjetividades. Portanto, pensar em posições-de-sujeito é pensar em como a cultura interpela os sujeitos fazendo com que determinados grupos sociais ocupem determinadas posições, ao tomarem como verdade certos discursos com os quais se identificam, “sujeitando-se a essas significações que os tornam o que se é” (BERNARDES; HOENISCH, 2003, p.113).

Aqui cabe uma distinção entre subjetividade e identidade. A noção de subjetividade propõe uma crítica ao conceito de identidade como formulado pela modernidade, onde era apresentada como algo fixo e imutável, que poderia sofrer

algumas alterações, mas em essência permaneceria a mesma. Então, as mudanças seriam apenas no âmbito da imagem, da ilusão, pois em seu âmago o sujeito permaneceria sempre idêntico a si. Essa noção de identidade proposta pelo projeto moderno, traz um sujeito uno, indivisível que deve explicações a sua suposta natureza. Por outro lado, para o pós-estruturalismo o sujeito não mais é algo absoluto, mas uma construção, produção e resultado de práticas sociais, ou seja, a subjetividade não é o ser, mas os modos de ser. Os modos através dos quais o sujeito se observa, se reconhece e se produz como um lugar de saber e de produção de verdade (BERNARDES; HOENISCH, 2003).

O conceito de performatividade de Judith Butler implica em compreender identidade enquanto um processo contínuo, como movimento, transformação. Trata-se de pensar o gênero no fazer temporal, onde sua constituição se dá por atos, gestos, representações ordinariamente constituídas. Não há um sujeito por trás de seu gênero, pelo contrário, gênero é parte do que determina o sujeito que se constrói através das relações de poder, por intermédio de restrições normativas que produzem e regulam os corpos (BUTLER, 2017; BERNARDES; HOENISCH, 2003).

Sendo o gênero culturalmente construído ele não é um efeito causal do sexo, nem ao menos é tão fixo quanto o sexo aparenta ser. Levando essa concepção ao seu limite lógico veremos que ela sugere uma descontinuidade radical entre um corpo sexuado e seu gênero culturalmente construído. Antes de ser algo estático e fixo, gênero é mais como um devir, com uma ação incessante, um vir a ser em constante transformação, tendo o potencial de se proliferar para além dos limites binários aparentemente impostos pelo sexo; trata-se de uma identidade constituída contingentemente no tempo, instituída em uma exterioridade por meio da repetição

estilizada de atos. É essa estilização do corpo que produz o efeito do gênero e cria a ilusão de um eu permanente marcado pelo gênero (BUTLER, 2017).

Gênero está longe de ser uma identidade estável do qual diferentes ações acontecem, mas sim algo tenuamente constituído no tempo, pois o corpo é histórico, ou seja, é um processo ativo de incorporação de possibilidades que são condicionadas ou circunscritas por convenções históricas de um determinado momento. Antes de ser uma materialidade fatídica, o corpo carrega significados, e é também, uma feitura, uma reprodução de certa situação histórica. Entretanto, os gêneros são organizados dentro de um modelo de verdadeiro e falso que contraria seu caráter performático fluido, colaborando com uma política de controle e regulação desses. O fato de que quem costuma “falhar” em performar a ilusão do essencialismo de gênero costuma ser marginalizado pela sociedade, é um sinal de que existe uma consciência social de que a verdade e a falsidade dos gêneros são apenas socialmente construídas e de maneira nenhuma são ontologicamente necessárias (BUTLER, 2019).

Portanto, não existe uma identidade de gênero por trás das expressões de gênero, ou seja, não há uma identidade que preceda o exercício da norma, é o próprio exercício que termina por criar as normas de gênero. Assim, a ideia de uma verdadeira identidade de gênero é uma fantasia, pois os gêneros não podem ser tomados nem como verdadeiros nem como falsos, na medida em que são produzidos como efeitos de verdade de um discurso sobre a identidade primária e estável (BUTLER, 2017; RODRIGUES, 2012).

Butler (2017) busca discutir o próprio corpo não como algo natural, mas também cultural, a fim de problematizar os limites do gênero para enfatizar o quanto cultural é o vínculo entre sexo e gênero.

O gênero não está para a cultura como o sexo está para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual 'a natureza sexuada' ou 'um sexo natural' é produzido e estabelecido como ... uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura (BUTLER, 2017, p. 27).

O constructo sexo não existe em uma instância pré-discursiva, ele é tão discursivamente construído quanto o gênero, de forma que não há alguma liberdade tácita para além do discurso, então para o sujeito o que resta é como reconhecer e fazer a construção na qual já se encontra.

3.1.3 Ressentimento, masculinidade e a sociedade em ruínas

O filósofo Friedrich Nietzsche (2017), ao discorrer sobre a moral de senhores e a moral de escravos, elabora o conceito de ressentimento, para falar de um sujeito que apequenado, parte de um não a si mesmo, e por ser incapaz de se afirmar busca impedir que o outro se afirme, em sua impotência sua ação fundamental é a reação.

O sujeito do ressentimento sente como se estivesse sendo privado de um direito que toma como natural, que como uma "dádiva" lhe deveria ter sido conferido apenas por ser quem se é, mas por conta de alguém maldoso isso lhe foi tirado (KEHL, 2005). E isso é algo que é característico desses grupos, sujeitos que não se sentem em nada poderosos, mas acreditam que deveriam se sentir. Por isso debatem-se sob os grilhões do "ginocentrismo" que se sentem vítimas, ruminando seu ódio e ressentimento contra aquelas que veem como seus algozes, a quem atribuem a responsabilidade pelo o que o faz sofrer.

Algo muito característico do sujeito do ressentimento é ver tudo que o fere como o "mal", enquanto que constrói uma imagem de si mesmo como "bom", como a vítima inocente. O ressentido jamais questiona a si mesmo ou a justeza de seus atos e

motivações; quem está em questão é sempre o outro, o que faz com que o estado emocional do ressentido seja repleto de ruminções acusadoras e fantasias vingativas (KEHL, 2020).

As reivindicações de um sujeito ressentido costumam não ser claras, são confusas, pois ele não luta com o intuito de recuperar algo, mas para que aquele que vê como seu algoz reconheça o mal que lhe causou. Não raro o ressentido sente-se fraco e incapaz frente o que lhe acontece, de forma que sua reação é em muito distante de um impulso a responder a um ataque, sua resposta não é imediata, ao contrário, passa a ruminar seu rancor e seu desejo de vingança. Antes de buscar por uma forma de reparação, busca por uma espécie de vingança, que costuma ser sempre adiada, pois prefere gozar na fantasia do que a executar (KEHL, 2020).

Interpretar o mal-estar gerado pelo encontro com forças capazes de desestabilizar os sujeitos como algo ruim e, por conseguinte, fruto de algo maldoso é característico de uma subjetividade reativa, na qual o sujeito projeta seu mal-estar em um objeto exterior que passa a ser investido em ódio e ressentimento. Na política de resistência reativa a multiplicidade de forças em jogo é reduzida e enquadrada apenas na figura subjetiva da vítima e do algoz (ROLNIK, 2017; 2003).

São muitas as políticas de subjetivação e os modos de relação com o mundo, combinatórias variáveis e variadas de dois modos de apreensão do mundo enquanto matéria ou como campo de forças, a partir de uma ativa e de uma política reativa do desejo, os quais por sua vez dependem da “ativação de diferentes potências de subjetividade” (ROLNIK, 2003, p.1). É no paradoxo criado por essas duas formas de apreensão do mundo que se instaura uma crise na subjetividade, na medida em que as formas através das quais a subjetividade se reconhece e se orienta, vai sendo afetada por novos universos e novos blocos de sensações. Para responder a essa

crise é necessário que se mobilize no sujeito a vida enquanto potência de resistência e de criação, “o desconforto força a criar uma nova configuração da existência, uma nova figuração de si, do mundo e das relações entre ambos; força igualmente a lutar pela incorporação dos novos contornos, a lutar para trazê-los à existência” (ROLNIK, 2003, p.79). Esse movimento corresponde a uma micropolítica do desejo ativa onde o sujeito quando se depara com forças que produzem afetos capazes de desacomodá-lo e desestabilizá-lo, usa sua potência de criação para buscar por novas formas subjetivas, pois sabe, mesmo que extracognitivamente, que manter-se apegado a uma forma que perdeu seu sentido não lhe devolveria o equilíbrio, apenas lhe manteria confinado a uma forma em falência. É essa micropolítica que é capaz de romper com o instituído, pois as ações do desejo guiam-se por “atos de criação que se inscrevem nos territórios existenciais estabelecidos e suas respectivas cartografias” (ROLNIK, 2017, p. 61).

Seguindo as linhas compreensivas de Suely Rolnik, o que vemos nesses grupos é, ao contrário, uma recusa a essa crise, o que apresentam é um recrudescimento onde se recusam a buscar por novas formas de constituir-se enquanto sujeitos. Ou seja, o que os masculinistas apresentam é um movimento correspondente a uma micropolítica do desejo reativa onde a subjetividade é reduzida a sua experiência enquanto sujeito, na qual a imagem de si resulta na redução a um indivíduo como “um todo indivisível, cristalizado e separado do universo em que vive que é tomado como um objeto exclusivamente exterior, também concebido em uma suposta totalidade”. Isso leva a uma tentativa de “conservação eterna do status quo de si e do mundo, pois nessa forma de subjetividade o desmoronamento de ‘um mundo’ é sentido como um ‘fim do mundo’ e um desmoronamento de si mesmo” (ROLNIK, 2017, p. 70-71).

Uma micropolítica do desejo ativa ou reativa traz implicações diretas para os sujeitos e para o social, pois como Rolnik (2003) destaca:

Praticar ou não estes dois modos de conhecimento e o lugar que cada um deles ocupa na relação com o mundo, definem modos de subjetivação que implicam políticas de relação com a alteridade cujos efeitos não são neutros: tais políticas favorecem ou, ao contrário, constroem a processualidade da vida, sua expansão enquanto potência de diferenciação - potência que depende da força de invenção que decompõe mundos e compõe outros e, indissociavelmente, da força de resistência que garante a mudança. Em outras palavras: diferentes políticas de relação com o outro favorecem ou constroem a potência da vida. (ROLNIK, 2003, pp.79-80)

Para os sujeitos em uma posição de subjetividade reativa é mais fácil imaginar o fim do mundo, do que uma forma de organização social diferente da que vivemos. Isso é evidente nos grupos da manosphere, onde estão a todo momento falando de como sentem a sociedade ruindo, e de fato sentem, contudo, essa não é a ruína *do* mundo, mas de “um” mundo tal qual como eles conheciam. Frente a isso, ao invés de buscarem criar novas formas de existências, preferem agarrar-se às ruínas. Não conseguem desvencilhar-se daquela forma de organização social que lhes é cômoda.

3.2 MÍDIAS E PRODUÇÃO DE VERDADE

Para melhor entender esses grupos é interessante dedicarmos algum tempo para analisar o ambiente onde encontraram terreno fértil para criar suas raízes. A fim de compreendermos o papel que mídias de comunicação digitais desempenham na sociedade e nas transformações pelas quais esta passa.

Para estudar a inter-relação entre mídias e comunicação e as mudanças no âmbito social, desenvolveu-se a ideia de midiatização. Esse conceito busca analisar de forma dialética a relação entre as transformações que os meios de comunicação passaram e as mudanças socioculturais de uma sociedade, considerando as mídias

não como um elemento externo de influência, mas como algo que é parte integral do social (COULDRY, 2018). Sobre esse processo Couldry (2018, p.52) esclarece que o termo midiatização permite compreender a consequência que os múltiplos processos de comunicação mediada têm para a construção do mundo social e qual o impacto que tiveram o surgimento de diferentes tipos de mídia e diferentes tipos de relação entre os meios de comunicação. Resumidamente, a midiatização fala de um processo de mudança de como os processos sociais acontecem por intermédio das mídias, articulando-se com padrões e organizações cada vez mais complexos.

Olhando para a história, Couldry (2018), traz que é possível dividir o processo de midiatização do social em três ondas distintas: primeiro a onda da mecanização, segundo a onda da eletrificação e, por fim, a onda da digitalização. Aqui neste trabalho nos interessa mais a última, a onda da digitalização, pois é nesta em que se dá o surgimento da *World Wide Web*. Essa terceira onda está relacionada com a invenção de computadores, internet e *smartphones*, correspondendo a um momento de profunda midiatização do social. Esse período trouxe a possibilidade de uma comunicação mais horizontal, não mais apenas centrada em um emissor, fazendo desaparecer assim a pessoa formalmente conhecida como audiência. Foi, então, nessa terceira onda que se deu a emergência do “*produser*”, termo que combina “produtor” e “usuário”, usado para indicar que as fronteiras entre consumo passivo e produção ativa estão cada vez mais enfraquecidas, na medida em que um usuário também acaba por desempenhar o papel de produtor (BRUNS, 2009).

A digitalização envolve um aprofundamento na conectividade tanto das infraestruturas de mídia quanto nas práticas relacionadas à mídia em que os indivíduos e grupos estão envolvidos. Trata-se de um momento em que velhas e novas mídias coexistem, onde o produtor e o consumidor interagem de formas

imprevisíveis, foi tendo isto em mente que Henry Jenkins (2015) passou a teorizar sobre uma cultura da convergência na qual estamos inseridos. Convergência para Jenkins se trata do fluxo de conteúdo através de múltiplos suportes midiáticos, como também se refere ao comportamento do público que migra entre os meios de comunicação em busca do que deseja. Os sujeitos desempenham um papel crucial na convergência, pois esta depende fortemente da participação ativa dos consumidores, então não podemos compreender a convergência como algo devido apenas a um processo tecnológico, mas sim algo que representa uma transformação cultural, onde agora não existe mais um espectador que ocupa simplesmente uma posição passiva frente ao que consome.

A maior participação dos usuários é algo que tornou-se possível principalmente a partir da Web 2.0. A *World Wide Web* passou por alguns períodos em seu desenvolvimento que ficaram conhecido como a Web 1.0, Web 2.0, Web 3.0 e Web 4.0. A Web 1.0 se caracteriza por ser um momento onde foi possível um maior acesso a informações, contudo havia pouca interação por parte dos usuários, os sites eram estáticos apresentando-se mais como um espaço de leitura. Já a Web 2.0 trouxe mais interação e dinamismo fazendo com que os usuários pudessem se tornar mais ativos na troca de informações. Em essência, essa nova fase da Web permitiu que os usuários fossem mais do que apenas espectadores, possibilitando a construção coletiva do conhecimento, que é um dos pilares da Web 2.0, permitir que os usuários criem de forma colaborativa uns com os outros podendo produzir e compartilhar conteúdo, o que não era possível a partir das mídias tradicionais, entretanto o desenvolvimento tecnológico vem propiciando isso através da criação de uma infraestrutura coletiva e recíproca. A Web 3.0 ou Web semântica conferiu à tecnologia a possibilidade de vincular, integrar e analisar dados. Com a infinidade de conteúdos

e informações disponíveis, por vezes, torna-se difícil filtrar o que de fato é útil para um usuário, então nessa nova fase a Web além de gerar e armazenar informações, passa também a interpretá-las, para assim otimizar a sua experiência de uso. É nesse momento que os anúncios passam a ser realizados de acordo com o comportamento e preferências de cada usuário. Já a Web 4.0 é marcada pelo aprofundamento do uso de inteligência artificial e da *big data* (KLEIN; ADOLFO, 2020; SANTOS; NICOLAU, 2012).

Por conta de todo esse avanço tecnológico e aprofundamento do processo de midiaticização, as redes sociais vem desempenhando cada vez mais um papel crucial para o debate público, fato que tornou-se evidente nas últimas eleições presidenciais de 2018 em que o candidato que saiu vitorioso deixou de lado a forma mais tradicional de fazer campanha e, ao invés disso, apostou na disseminação de mensagens por meio de redes como WhatsApp, Facebook e Twitter, o que vem trazendo também muitas preocupações, pois, nesta disseminação de mensagens perde-se o controle acerca do conteúdo e percurso de tais mensagens, o que facilita o uso de notícias falsas e o que vem sendo caracterizado como pós-verdade (KLEIN; ADOLFO, 2020).

O termo pós-verdade vem gerando intensos debates nos últimos anos, tendo sido eleita como a palavra do ano em 2016 pelo dicionário de *Oxford*. O significado do prefixo pós já aponta para um momento em que tal conceito de verdade tornou-se desimportante ou irrelevante, esse termo denota fenômeno em que há uma superação pelo desejo de verdade e apenas as próprias convicções importam, onde então busca-se legitimar só o que reafirma crenças já tidas como certas (SEIXAS, 2019).

Esse fenômeno difere do relativismo da pós-modernidade, pois marca uma forma particular de construção da realidade em que há a seleção apenas de fatos e informações que são convenientes para a verdade que se quer fazer crer, descartando

todo o resto das informações que, em um quadro geral, não corrobora ou até mesmo contradiz o que está sendo veiculado. A pós-verdade não se trata apenas de disseminar informações notadamente falsas, como no caso das *fake news*, mas mescla-se com informações verdadeiras e interpretações plausíveis, para induzir a uma compreensão equivocada e tendenciosa que está em questão.

Através das produções dos sujeitos que acompanhei, posso inferir que se valem do fato de que, dificilmente, as pessoas verificam a fonte do que circula nas redes sociais, então as informações são apresentadas de forma enviesada. Quando citam algum estudo ou pesquisa omitem informações importantes ou/e torcem o que os/as autores/as em questão trazem dando a entender algo distinto do seu sentido original; ou então, tendenciosamente, selecionam apenas o que corrobora com sua narrativa. Como quando utilizaram-se de dados sobre mortes de homens em domicílio para afirmar que essas mortes eram em decorrência de violência doméstica, ou quando usaram-se de certos estudos omitindo que foram feitos durante a década de 80 em um contexto específico. Ou quando olham para a história e “pinçam” apenas o que lhes é interessante. No decorrer deste trabalho será possível ver essas construções em mais detalhes.

No fenômeno da pós-verdade há uma recusa do outro, em que cada vez menos se dispõem a ouvir a perspectiva do outro e refletir sobre suas diferenças. Ao contrário, é uma cultura que reage com ódio e violência quando se vê ameaçada. A pós-verdade, entre seus afetos fundamentais, mobiliza o ódio. Quando há um sentimento social de desamparo, este sentimento faz com que os sujeitos busquem por grupos, todavia na conjuntura social atual é mais fácil que haja a emergência de “grupos de guerra”, constituídos em torno do ódio a um inimigo em comum (DUNKER, 2018).

Há um traço manipulatório evidente nessas produções na medida em que surge não a partir de um compromisso com um debate ético, mas a partir de um compromisso com a manutenção de certos privilégios que se viram ameaçados no momento em que movimentos sociais ganharam mais espaço no cenário político. Na pós-verdade há um apelo às crenças e emoções, onde as convicções possuem mais peso do que os fatos e a ponderação racional cede lugar às convicções arraigadas.

No âmbito da *manosfera* por vezes vi circular frases como: “uma sociedade que foi construída com o sangue de homens não pode ser considerada opressora com as mulheres”. Bom, se formos considerar a história do Brasil faz mais sentido pensar que foi construída com sangue indígena e negro, pois a sociedade brasileira se fundou sobre o genocídio de povos nativos e a escravidão de povos africanos, lembrando que a escravidão no Brasil durou mais de 300 anos em um país com pouco mais de 500 anos de história registrada. Mas, para quem adere a essas narrativas pouco importam fatos históricos.

A *red pill* e a ideia de ginocentrismo vem ganhando mais notoriedade no mesmo período histórico em que ideias conspiratórias vem ganhando força, tais como marxismo cultural, “ideologia de gênero” e, até mesmo, pessoas negando ou minimizando a ditadura militar pela qual o Brasil passou. Período em que importantes eventos históricos foram marcados por distorções e mentiras políticas, como o Brexit e a eleição de Donald Trump; no Brasil o Impeachment de Dilma Rousseff e a eleição de Bolsonaro.

Olavo de Carvalho que ascendeu juntamente com a extrema direita no Brasil, sendo uma espécie de mentor desta, é responsável por importar algumas teorias conspiratórias que gozam de nenhum prestígio científico e disseminá-las no cenário político brasileiro. Suas produções têm características marcadamente de pós-

verdade, onde há a deturpação do conhecimento produzido por outros autores, principalmente a escola de Frankfurt, com o intuito de construir um “inimigo” a ser destruído. O marxismo cultural e a “ideologia de gênero” são “críticas”, que partem de muita desonestidade intelectual, ao marxismo e aos estudos de gênero, onde não há interesse em estabelecer um debate profícuo baseado no diálogo, mas sim em destruir aqueles que são caracterizados como uma ameaça. Mesmo que dentro dos grupos que compõem a manosphere, esses sujeitos não costumem deixar claro seu posicionamento dentro do espectro político, é notável que há uma ligação entre estes e a extrema direita conservadora, pois estão constantemente estabelecendo conexões e associando-se a tais discursos.

Ideias com ares conspiratórios contribuem para a legitimação de uma violência estatal e social contra certos grupos minorizados e estigmatizados (LIONÇO, 2020). Tatiana Lionço (2020) traz que teorizações desse caráter se dão a partir de alguns elementos como: uma lógica dual (bem x mal), a estigmatização de algum grupo social para posterior demonização desse, e uma agressividade apocalíptica. Elementos que são facilmente observados na formulação das “teorias” abordadas acima, principalmente a adoção de uma visão dicotômica que reduzem questões sociais complexas e associam alguns grupos ao mal que deveria ser combatido e eliminado, o que pode acarretar em graves consequências como a justificação de atos de violência contra esses grupos. Essa forma dicotômica e também quase apocalíptica de retratar a realidade é bem presente em produções da manosphere, onde são retratados as “feministas más” e os movimentos sociais progressistas que pretendem destruir a sociedade ocidental contra eles, “os últimos homens de verdade”.

A mentira sendo usada para fins de manipulação não é algo novo, o que mudou foi a reação do público frente a elas, deixando de lado a razoabilidade para engajar-

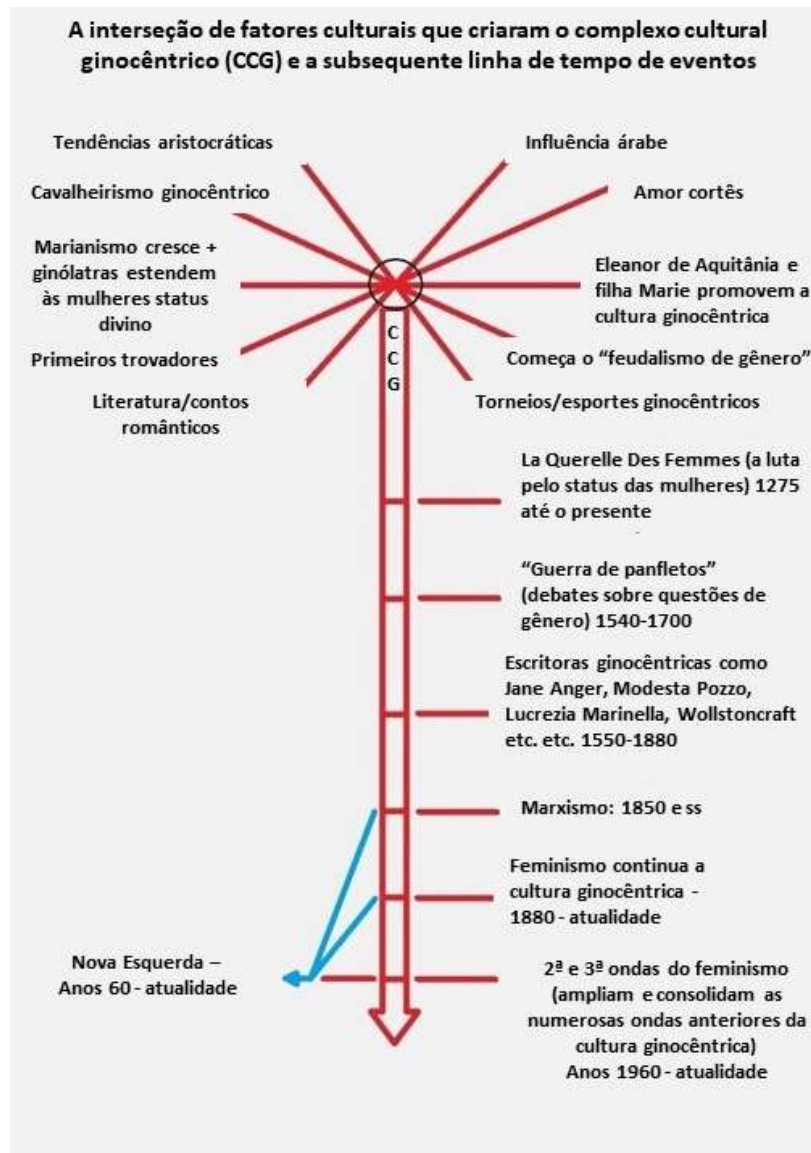
se em narrativas agradáveis às suas convicções, reação esta potencializada pelo uso das redes sociais. A pós-verdade tem criado um cenário propício para que coisas antes inimagináveis, possam acontecer. E algumas delas podem ser cruéis (BENGO, 2019).

3.3 A PRODUÇÃO DE UMA REALIDADE GINOCÊNTRICA

O site *Movimento pelos direitos dos homens* publicou diversos artigos em que faz uma tradução do conteúdo do site *gynocentrism.com*, de autoria de Peter Wright¹⁵, com o intuito de explicar e disseminar o que entendem por ginocentrismo. Nesses textos selecionam alguns momentos históricos a fim de sustentar suas construções acerca da realidade social, esses momentos vão desde os tempos medievais, com os códigos de conduta cavaleirescos, passando pela *Querelle des femmes* e escritoras como Mary Wollstonecraft, até chegar ao marxismo e as ondas do feminismo. É notável que há um esforço para aproximar o que defendem teorizações científicas, onde até mesmo uma mera publicação no *reddit* se torna “uma interessante pesquisa publicada no *reddit*”.

¹⁵ Acredito que Peter Wright e Iran Kahn são pseudônimos pois, não consegui obter nenhuma informação sobre esses autores.

Figura 2– Complexo cultural ginocêntrico



Fonte: mdhbrasil.org

Nesses textos Wright discorre bastante sobre o período medieval onde, segundo o que acredita, estariam as principais raízes do ginocentrismo, período em que mulheres poderosas teriam encomendado livros que detalhavam os códigos de conduta do que seria esperado de cada sujeito e estabeleceram o “amor cortês” ou amor cavalheiresco. Literatura esta que, de acordo com Wright, teria dado às mulheres um poder unilateral sobre os homens, que os colocavam em uma posição de subserviência a essas, o que rapidamente se disseminou e aderiu ao imaginário

popular, estendendo suas consequências até os dias de hoje, por isso esse sujeito acredita que essa foi uma revolução mais significativa até mesmo do que aquela que veio em decorrência da pílula anticoncepcional e da possibilidade de divórcio.

Esse sujeito tenta mostrar como as “personagens” presentes na ordem social da Europa medieval se fazem presentes ainda nos dias de hoje com outra roupagem. As damas da corte, nobres que exerciam alguma autoridade e definiam códigos de etiqueta e o “papel” cabível a homens em uma sociedade civilizada, seriam o que hoje são as feministas. Os cavaleiros brancos seriam aqueles que passaram a se definir a partir do que as damas nobres impunham, colocando-as em um pedestal, sempre ávidos por “servi-las”. Os cavaleiros brancos hoje, segundo Wright, seriam aqueles que se solidarizam com pautas levantadas por mulheres. Também traz que nas justas da Idade Média os cavaleiros competiam representando uma dama pela possibilidade de ter um encontro com ela, o que seria um costume ginocêntrico que teria se mantido até os dias de hoje através de torneios esportivos como golfe, futebol, artes marciais e assim por diante, que seriam projetados apenas para exibir proezas masculinas, onde os competidores vencedores poderiam se encontrar com as melhores damas. Seguindo Peter Wright compara os PUAs e os *coachs* de sedução com os trovadores, tudo isto para mostrar como a “cultura ginocêntrica” teria progredido e se mantido no decorrer dos séculos.

Cavalheirismo, tema recorrente quando vem a se tratar do que acreditam ser ginocentrismo, teria se estabelecido na era medieval com códigos de conduta em que cavaleiros deviam deferência às damas, segundo o que acreditam, teria se enraizado tornando-se “onipresente” na cultura. De forma que esse seria o imperativo social do qual o feminismo ainda tira suas forças, contudo agora as feministas estariam esperando esse cavalheirismo, não por parte de homens, mas por parte do Estado

que estaria agora ocupando o lugar do marido, protegendo e prestando auxílio às mulheres. “Ao invés de os homens cederem lugares nos ônibus, o governo agora cede lugares nas assembleias legislativas e conselhos por meio de cotas. Ao invés de os homens abrirem portas de carros para as mulheres, o governo abre portas para universidades e força de trabalho por meio de ações afirmativas” (WRIGHT, 2020).¹⁶

Mesmo que a esquerda política seja comumente atacada por ser vista como sendo muito ginocêntrica, de forma que o marxismo aparece como um marco histórico no “complexo cultural ginocêntrico”; a direita e o conservadorismo também são referidos como trazendo algo de ginocêntrico, pois ao defender o tradicionalismo e o casamento tradicional colocam o homem em uma posição de servir as mulheres. Peter Wright acredita que a diferença entre esses espectros políticos é que a esquerda seria mais bajuladora, enquanto a direita seria mais heroica. Segue destacando o quanto, para ele, o casamento ainda seria como um ritual feudal em que o homem juraria obediência e lealdade ao seu senhor, no caso sua esposa. Em suas palavras: “os homens continuam se rebaixando sobre um joelho e são rápidos em demonstrar humildade ao dizer que o dia do casamento é o ‘dia dela’, expondo a origem e conceito do casamento como mais feudalista do que cristão em sua estrutura” (WRIGHT, 2020).¹⁷

É interessante notar que a tradição cristã que predomina no ocidente prega que a esposa seja submissa ao marido, de forma que muitos conservadores nos dias atuais estão voltando a defender a submissão das mulheres, partindo de uma leitura ortodoxa da bíblia. Contudo, para Wright essa suposta herança medieval seria mais

¹⁶ Disponível em: <https://mdhbrasil.org/2020/07/30/o-ginocentrismo-e-suas-origens-culturais-parte-7-o-que-aconteceu-com-o-cavalheirismo/>

¹⁷ Disponível em: <https://mdhbrasil.org/2020/08/01/o-ginocentrismo-e-suas-origens-culturais-parte-8-o-casamento-ginocentrico/>

forte e teria mais influência do que os votos explícitos de submissão impostos pela Igreja.

Percebo que, não só em Wright, mas em todos aqueles que endossam a ideia de ginocentrismo, há uma forma simplória e simplificada de compreender o social que reduz toda a complexidade de processos sócio históricos pelo qual a humanidade já passou, quando olham para a história enfocam apenas no que lhes parece conveniente. Lançam luz em momentos históricos que parecem corroborar com sua narrativa de sociedade ginocêntrica, a fim de moldar e construir a realidade a partir daí.

Os recortes feitos para sustentar suas teorizações sobre ginocentrismo deixam de considerar diversas vivências de mulheres. Esses grupos tomam mulher como categoria única e universal a partir da qual fazem suas proposições. Quer dizer, desde as damas medievais as quais os cavaleiros deviam cortesia, até aquelas que chegam as mesas de diretoria, estão falando de uma certa posição de sujeito que não engloba grande maioria das mulheres das mulheres.

Figura 3 – Mulher em um pedestal



Fonte: gynocentrism.com

Existem mulheres pertencentes a certas categorias sociais que, de forma alguma, tiveram seu bem-estar colocado como central para a organização social. Ao contrário, foram ainda mais marginalizadas e exploradas por esse sistema social, mas suas experiências são relevadas para que os masculinistas possam manter seu ideário ginocentrismo.

Longe de ser uma categoria única, mulheres partem de posições de sujeito distintas e são atravessadas por diferentes experiências subjetivas. Houveram mulheres que não tiveram a possibilidade de exercer uma profissão e ficaram “protegidas” no lar, como também houveram aquelas que sempre tiveram de trabalhar. Patrícia Hill Collins (2016) ao comentar uma entrevista de Nancy White traz que enquanto a mulher negra era como a “mula” do homem branco tendo de fazer trabalhos mais pesados, a mulher branca era mais como seu “cachorro” podendo ficar mais próxima a este. Entretanto, em ambos os casos são estereotipadas e desumanizadas.

As relações sociais são marcadas por relações interseccionais de poder, que para compreendê-las é necessário considerar diversas categorias como raça, classe, gênero, orientação sexual, etnia e faixa etária. Essas categorias não se apresentam como entidades distintas e mutuamente excludentes, mas se sobrepõem (COLLINS; BILGE, 2021). Por conta disto surge o conceito de interseccionalidade pensado por feministas negras pois, o feminismo branco era insuficiente para pensar suas experiências e reivindicações. A interseccionalidade como um sistema de opressão interligado, torna possível a criticidade política para compreender a fluidez das identidades subalternas impostas a subordinações de gênero, de classe e raça (AKOTIRENE, 2019).

Audre Lorde (2019) ao falar sobre como eixos de opressão se entrecruzam traz que as formas utilizadas para neutralizar mulheres negras e mulheres brancas não

são as mesmas. A armadilha posta às mulheres brancas é a de ser seduzida a se juntar ao opressor como se pudessem compartilhar da mesma posição destes, para essas mulheres é colocada uma gama maior de falsas escolhas para se identificarem com o poder do homem branco e seus instrumentos.

As palavras de Lorde fazem muito sentido frente ao que venho estudando, pois, de todas as conservadoras antifeministas com as quais me deparei por relacionarem-se de uma forma ou de outra com os grupos objeto deste estudo, grande parte, quase todas, são mulheres brancas de classe média, para as quais é tentador identificarem-se com o opressor. Uma destas encerrou seu vídeo¹⁸ com “beijinhos opressores”, como se pudesse compartilhar da mesma posição de poder e opressão.

3.4 QUEM SÃO AS VÍTIMAS? A VIOLÊNCIA DE GÊNERO SEGUNDO O QUE CIRCULA NA MANOSFERA

Ao iniciar meus percursos pelas redes sociais do, talvez, mais proeminente ativista pelos direitos dos homens no Brasil, Aldir Gracindo, fui sendo levada a diversas outras páginas, principalmente por conta de em redes como o *instagram*, ser possível ações como republicar conteúdos de outras páginas e também marcá-las, levando a uma rede de interações. Através do perfil desse ativista cheguei a página *Homens e irmãos*¹⁹, quando compartilhou uma publicação dessa página que se dedica a também defender os direitos dos homens, em sua descrição diz que pretende dar uma voz para homens e meninos, o administrador da página, que conta com 6 mil seguidores, se mantém anônimo. Já havia tido contato com as páginas *MGTOW*

¹⁸ <https://www.youtube.com/watch?v=DB5zHbcrbIQ>

¹⁹ <https://www.instagram.com/homenseirmaos/>

*Brasi*²⁰ e *MGTOW Brazil*, mas a primeira não teve publicações novas desde fevereiro de 2020 e a segunda foi desativada, o que me fez pensar em um primeiro momento que talvez o *Instagram* não fosse uma rede social muito utilizada pelo grupo. Entretanto, a página *Homens e irmãos* recomendou a seus seguidores o perfil *MGTOW Club*²¹ que traz em sua descrição ser a maior página *MGTOW* do Brasil, na qual se propõem a formar “guerreiros em meio ao caos”, quando tomei conhecimento sobre essa página ela contava com cerca de 6 mil seguidores, em outubro de 2021 já passava de 11 mil seguidores. Quem administra a *MGTOW Club* também se mantém anônimo.

A página *Homens e irmãos* também recomendou outra página a *Redpill journals*²² (no decorrer da minha pesquisa essa página alterou o nome para *O homem racional*), esta é uma página que trata de relacionamentos, cujo administrador diz que parte dos “ensinamentos” dos *PUAs*, onde pretende ensinar desenvolvimento masculino e tornar os homens mais racionais a partir da lógica da *Red pill*, contudo dessa vez esse sujeito não produz conteúdo de forma anônima, mas se mostra em *lives* e é possível chegar ao seu perfil pessoal. A página possui 8 mil seguidores. Através dela tive contato com as páginas *Manual Redpill*²³, com 11 mil seguidores e *Samurai Redpill*²⁴, com mil e setecentos seguidores. *Manual Redpill* também trata sobre relacionamentos, enquanto que o *Samurai Redpill* se dedica a falar sobre *Bushido*²⁵ e *red pill*, ao menos isto é o que consta em sua descrição, pois me parece que ao que esse sujeito mais se dedica é atacar mulheres e construir uma imagem delas como más e perigosas. Entre esses apenas o *Samurai Redpill* é anônimo.

²⁰ <https://www.instagram.com/mgtowbrasil/>

²¹ <https://www.instagram.com/mgtowclub/>

²² <https://www.instagram.com/ohomemracional/>

²³ <https://www.instagram.com/manualredpill/>

²⁴ <https://www.instagram.com/samurairedpill/>

²⁵ Código de conduta dos samurais.

Seguindo a página *MGTOW Club* pude chegar até outras páginas voltadas ao grupo, pois foram marcadas em algumas publicações. São as páginas *Jesus MGTOW*²⁶, *Um MGTOW ancap*²⁷ (ancap é uma abreviação para anarcocapitalista) e *MGTOWolf*²⁸. Essas três páginas são mantidas por pessoas anônimas e possuem em média mil e quinhentos seguidores. A página *Jesus MGTOW* indicou para seus seguidores uma *live* de um canal no *youtube* chamado *Social Arts*²⁹ sobre falsas acusações, com a participação do canal *Submundo Intelectual*³⁰, sobre esse último eu já tinha conhecimento, pois havia feito uma *live* com o ativista Aldir Gracindo. Por consumir esse tipo de conteúdo o próprio algoritmo do *youtube* me recomendava publicações de canais relacionados a esse tipo de conteúdo.

Todas as páginas e canais citados aqui são bastante ativas, a maior parte delas publicam conteúdo quase diariamente. Há diversas outras páginas que são frequentemente citadas e têm publicações compartilhadas pelas páginas que acompanhei, mas não são necessariamente parte da manófera; são páginas reacionárias, conservadoras e antifeministas, como: *Diário antifeminista*³¹, *Fúria e tradição*³², *Jessicão, a feminista*³³, *Tabrando o quebu*³⁴, *Caso Isolado n 1234567890*³⁵ e a *Manas e manos*³⁶. Esta última além de ter diversas publicações compartilhadas pelo ativista Aldir e pelas páginas *Homens e irmãos* e *MGTOW Club*, também já participou em *lives* com os canais do *youtube* citados anteriormente, é administrada por duas mulheres que se tornaram antifeministas após o caso Mari Ferrer; estas já

²⁶ <https://www.instagram.com/jesusmgtow/>

²⁷ <https://www.instagram.com/ummgtowancap/>

²⁸ <https://www.instagram.com/mgtowolf/>

²⁹ <https://www.youtube.com/c/SocialArts>

³⁰ <https://www.youtube.com/c/JuniorMastersSubmundoIntelectual>

³¹ <https://www.instagram.com/diarioantifeminista/>

³² https://www.instagram.com/furia_e_tradicao/

³³ <https://www.instagram.com/jessicaolacra/>

³⁴ <https://www.instagram.com/tabrandooquebur/>

³⁵ <https://www.instagram.com/casoisoladon1234567890/>

³⁶ <https://www.instagram.com/manasmanos1/>

declararam ter como uma de suas principais referências o livro “Feminismo: Perversão e Subversão” de Ana Campagnolo uma conservadora antifeminista seguidora de Olavo de Carvalho.

Como também em meus percursos resolvi ir atrás de um velho conhecido que se identifica apenas como *Raccooning raccoon*, foi um dos primeiros MGTOW com quem tive contato e que me motivou a fazer esta pesquisa. *Raccoon* possuía um canal na plataforma *youtube*, onde como usuária acabei esbarrando em seus vídeos por volta de 2018 e início de 2019. No decorrer do ano de 2019 *Raccoon* apagou os vídeos de seu canal, deixando apenas alguns poucos vídeos que tinham apenas segundos de duração, na descrição desses vídeos havia um *link* que direcionava para a MGTOW.TV, plataforma que passou a usar desde então, portanto, tive que ir até a MGTOW.TV que é um espaço mais restrito, conhecido por poucas pessoas. Em 2020 seu canal no *youtube* já não existia mais, entretanto um de seus seguidores republicou alguns de seus vídeos no canal *Raccooning Raccoon Backup*³⁷. Ele é alguém que produz muito conteúdo e costuma ter uma posição de autoridade sendo chamado de mestre por alguns, como o administrador da página *Jesus MGTOW* que o chama de “mestre Raccoon”.

Durante meus percursos, uma das páginas que costumava ter suas publicações frequentemente compartilhada pelas que estava acompanhando, principalmente páginas MGTOW e de ativistas, é a *Caso isolado nº 1234567890* que traz casos em que mulheres são autoras de crimes com o intuito de dar visibilidade para esses casos, segundo a descrição da página: “O objetivo da página é informativo. Fatos de mulheres agressoras/abusivas que dificilmente são divulgados pelas grandes mídias”. Ou seja, se propõem a mostrar casos de mulheres agressoras que,

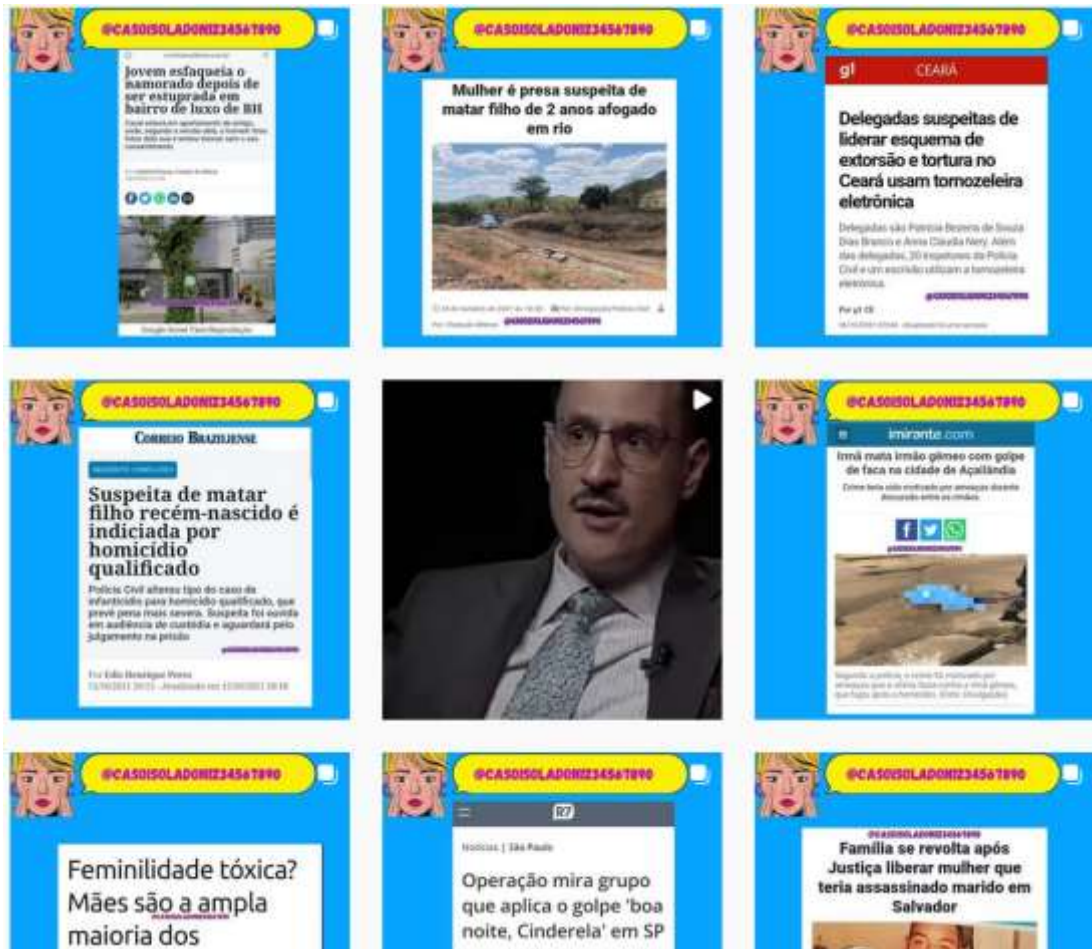
³⁷ <https://www.youtube.com/channel/UCKo3L5t8yHaeQOJ4HZWwSFA/featured>

segundo eles, dificilmente ganhariam repercussão em veículos de grande mídia, então fazem isso divulgando reportagens feitas por veículos de grande mídia como G1, R7, Correio Brasiliense e Metrôpoles.

É interessante a forma como vão construindo uma narrativa de que há um viés “ginocêntrico” que permearia inclusive as mídias de massa que faria com que as mulheres fossem “protegidas” podendo esquivar-se da responsabilidade pelas consequências de seus atos, já que a sociedade tenderia a vê-las mais facilmente como vítimas do que como agressoras, usam para isto afirmações de que a mídia não divulga casos de mulheres agressoras, mas suas fontes são as ditas “grandes mídias”.

A lógica que defendem é permeada pela ideia de ginocentrismo e para corroborar com tal é necessário tornar invisível diversas formas de violência que incidem especialmente sobre corpos femininos. Pois, se pretendem construir uma realidade em que os feminismos são uma consequência nefasta do ginocentrismo que visa apenas perseguir homens e garantir privilégios às mulheres, é necessário moldar suas narrativas de forma a tirar qualquer legitimidade desses movimentos; negar que exista uma violência de gênero e, então, as leis de proteção as mulheres tornam-se, leis misândricas que discriminam homens.

Figura 4– Notícias sobre mulheres agressoras



Fonte: Página Caso Isolado nº 1234567890 no Instagram.

Em seu perfil no *instagram* o ativista Aldir Gracindo diz:

Feminismo funciona assim. É uma propaganda permanente de que o sexo MENOS alvo de violência, o mais protegido, o mais privilegiado, é ‘oprimido’ e ‘absurdamente violentado’. É claro que criam cada vez mais ódio a homens, INCLUSIVE OS PRÓPRIOS FILHOS, PAIS... E acreditam que todo esse ÓDIO é normal e louvável, “não é ódio”. Até as leis e políticas refletirem isso.³⁸ (GRACINDO, 2021)

Acrescentou em outra publicação onde falava sobre comunicação obrigatória de violência doméstica³⁹ que coabitar com uma mulher no “atual sistema ginocêntrico”

³⁸ Grifo do ativista

³⁹ No caso se tratava da lei 17.406, do estado de São Paulo, que obriga os condomínios residenciais e comerciais no Estado a comunicar os órgãos de segurança pública quando houver em seu interior a ocorrência ou indícios de episódios de violência doméstica e familiar contra mulheres, crianças, adolescentes ou idosos.

é o mesmo que ter uma arma do Estado dentro de casa, pronta para disparar a qualquer momento, analogia esta que eu já conhecia, pois já a havia visto em um vídeo do MGTOW *Raccooning raccoon* onde este diz que o Estado entregou uma arma nas mãos das mulheres e mesmo que nem todas vão usá-la, todas podem. Em *live*⁴⁰ no dia 13 de julho de 2021 esse mesmo ativista, Aldir, afirma que as leis de proteção às mulheres só foram criadas devido as feministas se aproveitarem dos princípios patriarcais presentes na sociedade, que priorizam a proteção das mulheres, e não por conta da mobilização por parte de grupos de mulheres.

Em consonância com essa retórica a página *Homens e irmãos*⁴¹ afirmou em seu perfil que a alteração no Código Penal que traz sobre o feminicídio, a Lei Maria da Penha estão erodindo a “família tradicional” ao estigmatizar e criminalizar homens. Indo ao encontro disso a página *Jesus MGTOW*⁴² publicou: “Toda vez que penso em casar ... lembro que to no ocidente e a maria da penha pode bater na minha porta, pode até haver boas mulheres, mas enquanto houver leis misândricas, não vai rolar não...”.

A página *Um MGTOW ancap*⁴³ é categórica ao afirmar que as mulheres não são e nunca foram oprimidas, quem precisa ser defendido mesmo são os homens, pois as mulheres já tem o Estado para defendê-las. Traz que todo o empoderamento feminino se resume e é apenas garantido pelo Estado, o que creem ser seus direitos são conquistas masculinas cedidas a elas e agora as mulheres estão usando o Estado para subjugar quem deveriam agradecer. Este *MGTOW* costuma apresentar uma ideia de que os homens possuem um “empoderamento natural”, mas as mulheres precisariam do Estado para isso. O que se lê, mesmo que não explicitado, é que esse

⁴⁰ Transmissão feita em tempo real.

⁴¹ <https://www.instagram.com/p/CRju5lXMx4D/>

⁴² https://www.instagram.com/p/COvk_tfN6Fc/

⁴³ <https://www.instagram.com/p/CQW9htWtLbZ/>

sujeito defende uma pretensa superioridade masculina e que, sem o Estado na equação das relações sociais, voltar-se-ia a um estado de dominação.

Semelhante a isto o ativista Aldir Gracindo em dado momento compartilhou a publicação de uma *youtuber* na qual ela fala sobre assédio e o quanto não pode sair na rua vestida como se homens não existissem. Em reação a isso ele respondeu, de forma mais chula do que estou disposta a transcrever, que se homens não existissem ela estaria morando nas cavernas, segundo ele, foram os homens que construíram a civilização, então era descabido ela reclamar de assédio. Além de invalidar um sentimento legítimo de insegurança frente aos assédios sofridos por mulheres diariamente, Aldir reafirma uma ideia de um mundo construído por homens, o que é fruto de uma invisibilização histórica das mulheres, pois estas costumam ter sua participação e contribuição apagadas da história. Ademais, parte das mulheres foi apartada do ambiente público, sendo restringidas apenas ao ambiente doméstico, enquanto que outra parte foi marginalizada (como as mulheres negras), assim, de uma forma ou de outra, não tiveram condições de possibilidade para desenvolver suas potencialidades e trazer contribuições sociais, científicas e artísticas. Assim, Gracindo atua para moldar e fortalecer no imaginário de seus seguidores uma realidade na qual o mundo seria dos homens e teria sido feito por eles, o que justificaria o lugar de subalternidade relegado às mulheres.

Foi por conta de publicações como esta que me fizeram questionar minha percepção inicial de que havia alguns sujeitos dentro desses grupos que eram mais moderados, me parece que a questão não é ser moderado ou não, mas sim ser mais ou menos explícito, pois, em última instância o que permeia as construções desses sujeitos é sempre uma ideia de supremacia masculina.

Paradoxalmente a isso disseminam uma ideia de homem como vítima de uma sociedade ginocêntrica. O porquê disso acontecer se torna mais claro em um vídeo no qual o MGTOW Raccoon argumenta que a igualdade oprime os homens, nesse vídeo ele defende que quando as mulheres tornam-se iguais aos homens em direitos e poder social, acabam por tornarem-se superiores a estes, pois elas já teriam o “ginocentrismo” a seu favor. Além disso, segundo o que acredita Raccoon, a igualdade seria opressora para os homens, pois estes seriam “superiores física e intelectualmente” e por isso deveriam dominar. Para ele a ordem “natural” é de um sexo ser dominador (homens) enquanto o outro é submisso (mulheres) e, seria apenas assim que se teria ordem na sociedade. O que é absurdo nos dias atuais, para Raccoon, é que as mulheres não reconhecem a “superioridade masculina”, continua argumentando que os homens seguem assumindo mais responsabilidades do que o fazem as mulheres, mas não possuem mais autoridade, ao passo que as mulheres possuem mais autoridade atualmente, mas terceirizam suas responsabilidades através de pensão e impostos (Raccoon não explica que impostos seriam esses ou como isso se daria, uma característica muito presente em suas argumentações é ser vago, faz diversas afirmações sem qualquer embasamento). Ou seja, homens são vítimas por não terem sua posição de supremacia assegurada.

Através de publicações que circulam na manosphere a percepção que se tem é que quem mais é vitimado são os homens e quem sai impune são as mulheres, simplesmente por serem mulheres. O que se apaga nessas narrativas é o contexto sócio histórico que levou a criação de leis como a Maria da Penha e a lei do Femicídio. Historicamente a violência doméstica sempre incidiu mais sobre os corpos femininos, como reflexo de uma cultura onde a violência perpassa as relações de gênero. Distintamente de outras violências, a violência contra as mulheres emerge

de uma questão gênero, ou seja, ela ocorre motivada por expressões de desigualdade onde a vítima não é reconhecida como igual, nas mesmas condições de existência que o perpetrador. Decorre de relações assimétricas de poder que permeiam a vida rotineira das pessoas.

A violência física e sexual sofrida por mulheres em uma sociedade, cuja ordem social se dá de forma a relegá-las a uma posição de submissão, evidencia o controle social sobre corpos e sexualidade femininas, ancorando-se na violência simbólica que fornece a base legitimadora para as relações de forças e suas dissimetrias. Contudo, através da atuação de movimentos sociais foi possível criar condições históricas para o reconhecimento da legitimidade dessa questão, dando novos contornos às políticas públicas, resultando nas leis que conhecemos hoje (BANDEIRA, 2014).

Os grupos MGTOW e de ativistas, em especial, tentam fazer crer que leis de proteção às mulheres são meras concessões, fruto de um “ginocentrismo” que privilegiaria a proteção e o bem-estar destas. O que se ignora é que a criação de tais leis vem de um longo processo de debates e mobilização por parte de movimentos sociais. A lei Maria da Penha apenas foi criada depois de o Estado brasileiro ter sido julgado e condenado internacionalmente em 2001 pela Corte Interamericana de Direitos Humanos (Corte IDH), no âmbito da Organização dos Estados Americanos (OEA), por descaso e negligência em relação a casos de violência doméstica (CALAZANS; CORTES, 2011). Maria da Penha foi o caso emblemático que deu nome à lei, contudo ela foi apenas uma de incontáveis vítimas dessa forma de violência.

Ainda na década de 70 houveram diversas manifestações que buscavam coibir a violência contra a mulher que se intensificaram no momento em que ocorreu um caso marcante, o de Doca Street, réu confesso que assassinou sua companheira Ângela Diniz, com quem teve um relacionamento de três meses. Durante seu

juízo no Tribunal do Júri a defesa do assassino embasou-se na tese de “legítima defesa da honra”, argumento jurídico que não era novo, já tendo sido usado diversas outras vezes em que se justificava crimes cometidos contra mulheres pelo “mau comportamento” da vítima. Assim, a defesa de Doca construiu uma argumentação em torno da ideia de ter sido um crime passional, fazendo com que um assassino confesso passasse a ser visto como uma “vítima” de Ângela levado a cometer o crime tomado por paixão (CALAZANS; CORTES, 2011; ANDRADE; ALMEIDA, 2017). A tese de legítima defesa da honra só foi ser julgada inconstitucional em março de 2021 pelo Supremo Tribunal Federal (STF).

Na década de 80 é o momento em que se iniciam as primeiras ações governamentais para incluir a temática da violência contra as mulheres, em sua agenda. Em 1985 é criada a primeira delegacia especializada de atendimento às mulheres. Durante os anos subsequentes as ações de grupos feministas continuaram de forma intensa pautando a violência contra as mulheres e buscando formas de dirimi-la, o que trouxe diversos avanços no cenário político social brasileiro (CALAZANS; CORTES, 2011). Entretanto, todo esse longo processo e os fatores sociais implicados na ocorrência e perpetuação da violência de gênero, desaparece nas narrativas masculinistas, que recortam a história da forma que lhes é conveniente.

Reconheço sim que, embora em número menor, há homens que são vítimas de violência por parte de suas companheiras, contudo me parece que os esforços desses grupos não são de mostrar que os homens são vítimas *também*, mas que são as vítimas. Como quando a página *Homens e irmãos* divulgou o dado de que a cada 5 mortes por violência doméstica 4 são de homens, apresentando como fonte o Ipea (Instituto de pesquisa econômica aplicada). O que me causou bastante estranheza e ao consultar pesquisas divulgadas por este instituto, não me foi possível encontrar

algo que corroborasse com este dado. Portanto entrei em contato com o próprio Ipea questionando se esse dado poderia ser de alguma forma verídico, a resposta que obtive é que o Ipea não divulga dados sobre mortes de homens em decorrência de violência doméstica, por ser considerado um evento raro. De fato, segundo resposta do Ipea, mais homens morrem em suas residências do que mulheres, entretanto essas mortes se dão devido a questões como latrocínio e conflitos interpessoais que não envolvem relações familiares, diferentemente de como estava sendo veiculado por essa página. É uma estratégia comumente usada por esses grupos citar estudos e pesquisas, mesmo usando de forma tendenciosa, ou então, citar filósofos para tentar trazer credibilidade a seus discursos. Mesmo que o ódio permeie o que acreditam e propagam, há uma tentativa de trazer um ar de intelectualidade para suas falas.

Fico pensando se o caso Doca Street ocorresse nos dias de hoje, não seriam essas páginas que acompanho aqueles que sairiam em defesa do assassino confesso. Quanto a isso não posso afirmar nada, entretanto durante o percurso da minha pesquisa houveram casos envolvendo violência contra a mulher que ganharam bastante destaque na mídia, sendo assim pude acompanhar como esses casos repercutiram no âmbito da manosphere. São os casos que envolvem o DJ Ivis, Nego do Borel e Mari Ferrer. Não pretendo trazer em detalhes cada um desses casos, pois minha intenção aqui não é discutir os casos, mas de que forma eles ressoaram na manosphere.

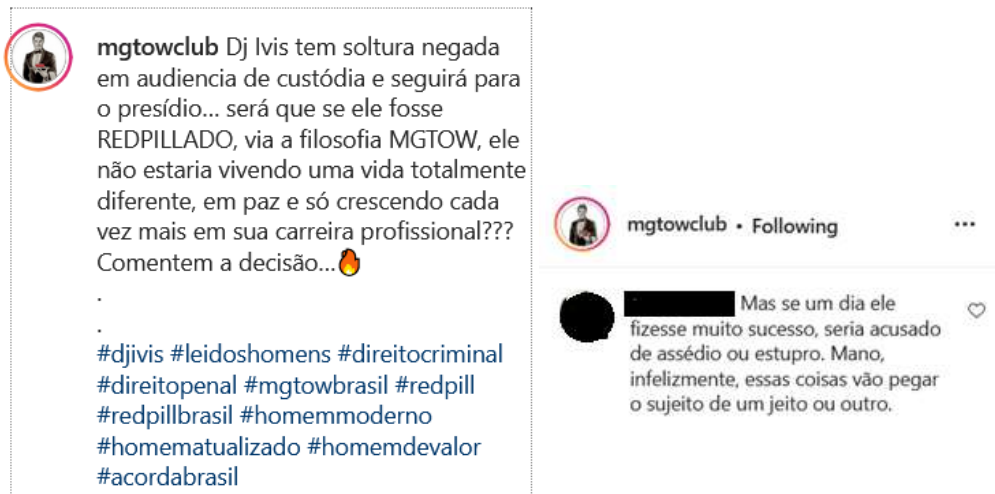
Em julho de 2021 o compositor e produtor musical DJ Ivis foi preso e indiciado por lesão corporal, ameaça e injúria⁴⁴, após sua então esposa, Pâmella Holanda, divulgar diversos vídeos em que é agredida pelo DJ. Em sua defesa o compositor afirmou sofrer pressão psicológica por parte da esposa, apresentando para corroborar

⁴⁴ <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2021/10/02/saiba-o-que-aconteceu-com-dj-ivis.htm>

com isso uma lista de desejos de fim de ano que Pâmella teria feito, onde em dois itens dessa lista constava casar e ter filhos com o DJ Ivis; também afirmou que teria vídeos em que a ex esposa o agredia, entretanto, esses vídeos nunca foram divulgados.

Nas páginas em que acompanhei muitos desses sujeitos se manifestaram consternados com a situação, pois esses entendem que qualquer um poderia ser levado ao descontrole e acabar se tornando um DJ Ivis. A página MGTOW Club usou esse caso como um alerta, pois se o DJ fosse “redpillado, via a filosofia MGTOW” isso não teria acontecido e ele estaria vivendo em paz, um seguidor dessa página complementou o alerta dizendo que, de qualquer forma, se ele fizesse muito sucesso poderia acabar sendo acusado de assédio ou estupro.

Figura 5– Repercussão sobre caso Dj Ivis



Fonte: página MGTOW Club no Instagram.

A página Homens e irmãos sobre este caso trouxe que: “DJ Ivis postou stories falando que sofria violência e que pensava em se matar. Seu estado de saúde mental foi absolutamente ignorado: ‘Violência contra a mulher não tem justificativa’,

bradavam. Mas bastou alguém falar da violência da Pâmella pra culparem o puerpério e os hormônios. A medicalização não falha, mas ela só serve a mulher violenta, que não precisa controlar seu comportamento. Ninguém aceita como justificativa plausível que o homem violento age movido pela testosterona”. Nos *stories*⁴⁵ continua dizendo que a violência tem raízes biológicas, mas nem todo instinto biológico é aceito socialmente, por isso é necessário que os homens saibam usar a biologia a seu favor. Posteriormente quando o cantor Wesley Safadão anunciou que gravaria sua música com o DJ Ivis, mesmo após este ter sido preso, essa página de ativismo pelos direitos dos homens aplaudiu a atitude do cantor e colocou-a como um exemplo a ser seguido, pois, mesmo com todas as gravações que mostram o DJ agredindo Pâmella, a vítima, para eles, é o DJ Ivis.

Por sua vez o ativista Aldir frisou que não apoia violência injusta contra mulher ou homem, mas que nesse caso sua percepção era de que o DJ Ivis é que estava sendo silenciado e impedido de apresentar seu lado da história, apenas por ser homem.

Em setembro de 2021 no *reality show* A Fazenda 13⁴⁶, produzido pela Rede Record, o participante Nego do Borel foi expulso e passou a ser investigado pela polícia civil por ser acusado de abusar de outra participante enquanto ela estava extremamente bêbada. Na mansão isso repercutiu novamente como um alerta, pois, segundo eles, se até mesmo em um lugar repleto de câmeras 24 horas por dia o Nego do Borel foi acusado de estupro, o que poderia acontecer com homens comuns sem câmeras vigiando. Alertaram para a importância de se manter longe das

⁴⁵ Conteúdo que fica disponível por apenas 24 horas.

⁴⁶ <https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2021/09/25/nego-do-borel-e-expulso-de-a-fazenda.htm>

“modernetes”, sabendo diferenciá-las de “mulheres dignas e de respeito”, pois esse é um exemplo do quanto elas podem destruir a vida de um homem.

O principal questionamento que passaram a fazer foi sobre como a sociedade reagiria caso fosse o homem que estivesse bêbado, pois como eles trazem, o homem sempre é tratado de forma a ter de assumir a responsabilidade por suas ações, não importando o quão bêbado esteja; enquanto que a mulher é isentada de suas responsabilidades. Apesar de que nesse caso o cantor estava claramente em posse de suas faculdades mentais, enquanto que a outra participante em questão precisou da ajuda de vários outros participantes apenas para trocar de roupa. Em réplica a fala da apresentadora Adriane Galisteu que disse que quando uma mulher bêbada diz sim, isso significa não, a página *MGTOW Club* compartilhou uma publicação em que se lia: “Quando a mulher está sóbria e diz não, é não. Quando a mulher está alcoolizada e diz sim, também é não. Quando um homem está sóbrio e diz não, é sim. E quando um homem está alcoolizado e diz sim, é sim. ”

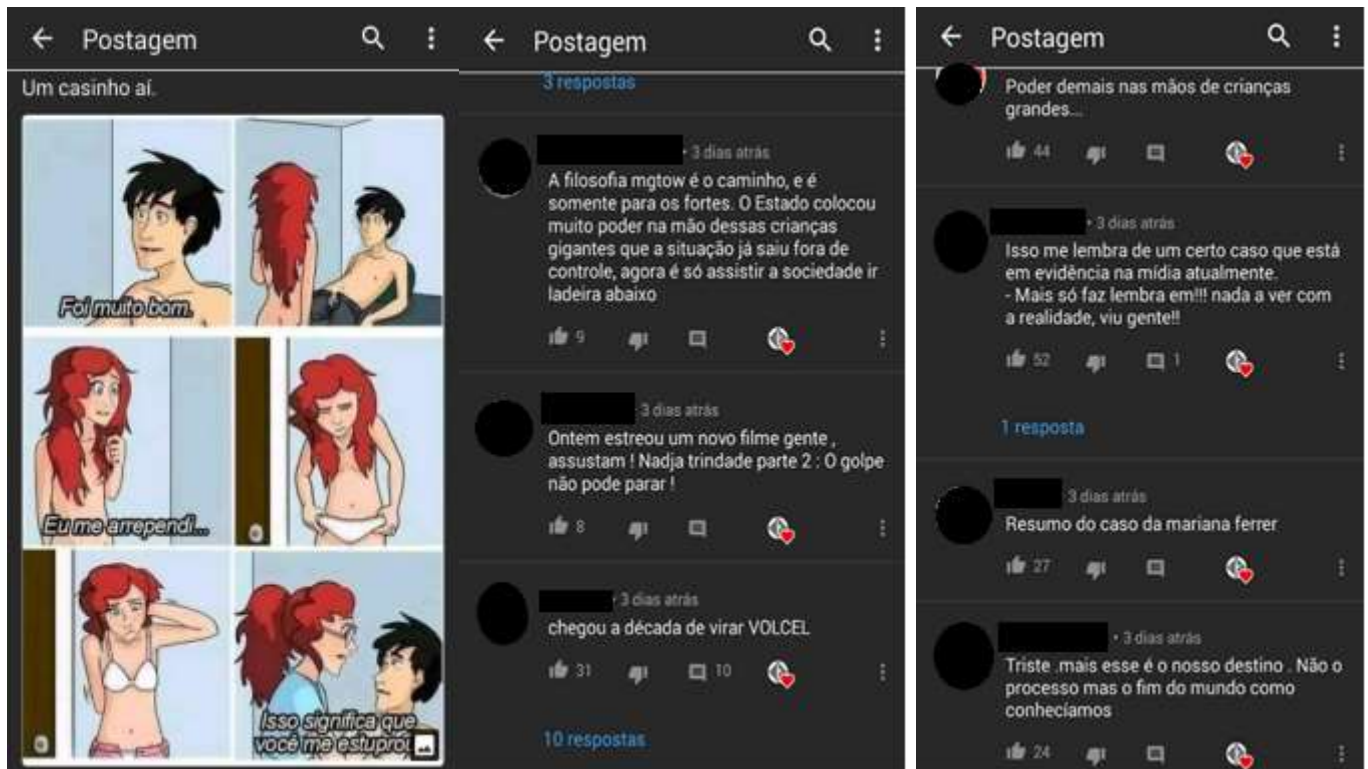
A página *O homem racional* aproveitou essa ocasião para promover uma reflexão. Trouxe ele que esse é um bom exemplo do quanto dinheiro e fama não trazem racionalidade e lucidez para tomar boas decisões, o maior erro do Nego do Borel foi sua mentalidade de escassez. Em suas palavras: “Você pode dar dinheiro e opções ao homem, mas não pode tirar dele sua mentalidade ferrada de escassez. Não importando a quantas mulheres ele possa ter acesso, sua mente ferrada de escasso o faz querer aproveitar cada “oportunidade” em particular, sem mensurar as reações de cada ato – ou seja, um padrão típico da ‘escravocetice’ (sic)”. Também endossou que a sociedade ginocêntrica sempre menospreza a versão masculina, para ele, a presunção de inocência existe apenas quando se trata de alguém do sexo feminino.

Outro caso que também ganhou bastante repercussão na mídia foi o da Mari Ferrer, uma jovem influenciadora que acusou o empresário André Aranha de estupro de vulnerável, alegando ter sido dopada e estuprada por ele no *beach club* em que trabalhava. André foi absolvido em primeira e em segunda instância sob a alegação de que não tinha conhecimento sobre o estado de vulnerabilidade de Mariana, por conta disso não poderia ser considerado culpado. O caso gerou muita controvérsia onde muitas pessoas se solidarizaram com Mariana ao passo que outras passaram a ter certeza de que se trata de uma falsa acusação e que Mariana apenas queria dinheiro e fama, entre estes estão os grupos que acompanhei.

A página *Homens e irmãos* indo em consonância com a sentença do juiz, defendeu em suas redes que caso alguém desconheça a condição de vulnerabilidade de outrem, então não pode ser culpado por estupro. A mesma página, após tomar conhecimento da sentença, publicou a frase: “Que homens aprendam a odiar mulheres que mentem sobre estupro tanto quanto odeiam estupradores”.

No momento em que o caso Mari Ferrer estava sendo muito discutido na mídia e nas redes sociais, esta tirinha foi publicada no canal do *youtube MGTOW Brasil*, com os seguintes comentários:

Figura 6– Repercussão sobre caso Mari Ferrer



Fonte: canal no Youtube MGTOW Brasil.

Quero chamar a atenção para os comentários que comparam mulheres com crianças, pois esta é uma forma comum usada dentro da manosphere para se referir as mulheres, como crianças movidas apenas por seus sentimentos, irracionais e ilógicas. Então, a sociedade teria começado a ruir ao se dar poder a elas e o estado ter passado a protegê-las.

Em uma *live* no canal do *youtube Social Arts*⁴⁷, é enunciado algo que permeia a manosphere, a noção de que falsas acusações de estupro são muito comuns, quase como uma epidemia. Em dado momento um participante que também possui um canal no *youtube* (Submundo intelectual) diz que segundo uma trabalhadora do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro cerca de 80% das acusações de estupro são falsas. Esse dado que costuma aparecer em páginas conservadoras e que fazem parte da

⁴⁷ <https://www.youtube.com/watch?v=o52TH8qs19I&t=6212s>

manosfera tem como origem uma entrevista feita em 2012 pela revista Extra⁴⁸ com a psicóloga Glícia Barbosa de Mattos Brazil na qual ela afirma que na Vara da Família, quando há divórcio é comum casos de alienação parental em que há falsas acusações de abuso sexual feitas com o intuito de restringir o acesso de um dos cônjuges às crianças. Contudo, quando se usam disso o que esses sujeitos omitem é que não se trata de um dado nacional e não se refere a casos de estupro no geral.

A lógica que trabalham para tornar real é a de um cenário onde mulheres mentem facilmente sobre estupro, para isso basta se arrependem ou não gostarem, tanto que a *Homens e irmãos* fez questão de frisar que “sexo ruim não é estupro”, dão a entender que para o sistema jurídico brasileiro a palavra da vítima basta para condenar alguém, como Aldir afirmou em um debate com o canal Submundo Intelectual⁴⁹: “Nós temos uma reforma cada vez maior do judiciário e das leis que coloca a palavra de uma acusadora como sendo uma evidência em si, sem a necessidade de nenhum tipo de corroboração”. Aqui quem se torna a vítima, quem sofre em casos de denúncias de estupro, é o homem que poderia facilmente se tornar uma vítima de uma falsa acusação, mesmo que para corroborar com essa lógica se apoiem em dados questionáveis. Criam uma realidade em que a sociedade se tornou caótica e saiu do controle (deles). Em relação a isso, me chamou a atenção que em dado momento a página *MGTOW Club*, falava insistentemente nos comentários de uma de suas publicações sobre um caso de um salva-vidas que foi processado por uma mulher após tê-la salvo de um afogamento, o que, para ele era uma prova clara do quanto o mundo estava caótico, até que um de seus seguidores questionou-o sobre esse caso, mas não obteve resposta.

⁴⁸ <https://extra.globo.com/noticias/rio/nas-varas-de-familia-da-capital-falsas-denuncias-de-abuso-sexual-podem-chegar-80-dos-registros-5035713.html>

⁴⁹ <https://www.youtube.com/watch?v=zOchy9rVSQc&t=1237s>

Figura 7– Comentários da página MGTOW Club propagando uma notícia falsa



Fonte: página MGTOW Club no Instagram.

Contudo, ao buscar por notícias sobre o caso desse salva-vidas, tudo o que encontrei foram *sites* que se dedicam a desmentir notícias falsas falando sobre o

caso⁵⁰. Em 2015 um portal chamado *The Stately Harold*⁵¹ que divulga notícias falsas satíricas, publicou que um salva-vidas teria sido processado por uma mulher após tê-la salvo de um afogamento, posteriormente uma “caçadora de cliques” que responde pelo pseudônimo Cassidy Boon fez um vídeo falando que o ocorrido teria acontecido com ela, sendo que Cassidy é conhecida por fazer vídeo polêmicos com o intuito de atrair a maior visibilidade possível. Ou seja, um caso baseado em uma mentira.

Para sustentar a tese de que mulheres mentem sobre estupro e inúmeros homens sofrem injustamente por conta disso, a página *Homens e irmãos* divulgou que pesquisas apontam que 60% das acusações de estupro são falsas. Indo atrás da fonte usada cheguei ao *site media radar*⁵² que apresenta essa informação tendo por base uma pesquisa de 1985 feita por McDowell, publicada na *Forensic Science Digest*, em que foram analisadas denúncias feitas em bases das forças aéreas dos Estados Unidos nos anos 80, na qual se concluiu que 60% dessas acusações eram falsas. Não consegui obter o estudo original para ter mais detalhes sobre essa pesquisa, então entrei em contato com a página solicitando esse estudo na íntegra, ou então, onde poderia encontrá-lo, mas não obtive resposta. A página também publicou um estudo de 1994 em que traz que 41% das acusações de estupro são falsas, o estudo em questão considerou casos que foram reportados a delegacia de uma cidade estadunidense (que não foi identificada) durante os anos de 1978 a 1987. Nesses nove anos foram reportados as autoridades 109 casos, dos quais 45 foram considerados falsos, chegando assim a porcentagem de 41%. O autor não fez nenhuma outra análise sobre esses casos, apenas divulgou os dados que recebeu da delegacia (KANIN, 1994).

⁵⁰ <https://www.boatos.org/mundo/feminista-vai-processar-homem-que-salvou.html>

⁵¹ <https://www.facebook.com/TheStatelyHarold/>

⁵² https://www.mediaradar.org/research_on_false_rape_allegations.php#sdendnote1anc

Fato é que esses ativistas se usam desses dados e os extrapolam ao aplicar a realidade social, e quando os trazem omitem questões, como se tratar de um estudo antigo feito em um contexto específico. Ao falar genericamente que “pesquisas mostram...” dão a entender que esses dados foram feitos e falam do contexto social atual brasileiro, o que não é o caso.

Essa página de ativismo pelos direitos dos homens possui diversas publicações sobre o tema, nas quais já afirmou que a ideia de que as mulheres tem constantemente medo do estupro é apenas uma evidência do ginocentrismo, ou melhor é o cúmulo do ginocentrismo, pois demonstra o quanto elas pensam que são o centro da vida dos homens. Como também, que as discussões acerca da cultura do estupro não passam de sandice e pânico moral difundido com o intuito de promover uma perseguição a homens, que se tornam o grupo alvo.

Figura 8 – Ativistas pelos direitos dos homens sobre pânico moral



Fonte: página Homens e irmãos no Instagram.

Me parece que para sustentar que o feminismo é apenas uma consequência perversa do ginocentrismo é preciso negar qualquer legitimidade que esse movimento tenha, apagando e tornando invisível a violência de gênero que permeia a sociedade.

O que chamam de pânico moral são vozes há muito silenciadas que nas últimas décadas vem denunciando as violências sofridas. Atribuir algo a uma cultura implica reconhecer que está imbricado em certos fatores sociais, apresentando-se como algo corriqueiro, distante de ser apenas uma rara exceção. Portanto, o termo cultura do estupro visa evidenciar o quanto a misoginia presente em uma cultura faz com que esse crime se perpetue, denotando um conjunto de violências simbólicas que levam a legitimação, a tolerância e até ao estímulo da violência sexual (SOUSA, 2017). Ao resumir as questões levantadas pelas discussões sobre cultura do estupro a um mero pânico moral, levam ao silenciamento e a legitimação de violências simbólicas que sustentam um sistema de dominação que se usa de atos perversos para a sua manutenção.

Apesar de ser considerado como um crime hediondo e repudiado veementemente, ainda assim é uma prática comum em sociedades onde há uma sujeição do sexo feminino, por ser essa a expressão da dominação e violência contra as mulheres. Quem comete um estupro age de forma a impor sua vontade e subjugar sua vítima, transgredindo seus direitos humanos mais básicos e atingindo sua integridade física e psicológica. Agem motivados por discursos machistas que são transmitidos até eles, e por eles, de diversas formas; discursos estes que trazem a ideia de que o poder sexual está no homem, que teria o direito de impor sobre as mulheres, ou sobre outros homens, principalmente aqueles que não performam os estereótipos de masculinidade e virilidade. Por conseguinte, essa prática não só é,

por vezes, tolerada com também é usada como uma forma de controle, estando a serviço da manutenção da hegemonia (CAMPOS, 2016; SOUSA, 2017).

Esse é um tipo particular de violência em que mais facilmente se questiona a vítima do que o agressor, onde é comum haver uma revitimização da mulher ao responsabilizá-la pela agressão que sofreu, culpando-a por não seguir certas regras de conduta, regras estas que são inseridas em sua socialização desde tenra idade, que determinam questões como, por exemplo, que roupas que devem vestir, como devem se comportar, que maquiagem podem usar, que lugares frequentar e assim sucessivamente (SOUSA, 2017). Lembrando que até recentemente ainda constava no código penal o termo “mulher honesta” (BRASIL, 1940) em que caso a vítima de crimes sexuais não fosse julgada como honesta a pena era atenuada. Nesse caso a honestidade da mulher estava estritamente relacionada a sua sexualidade, era alguém que apresentava uma conduta pura e recatada exercendo sua sexualidade apenas dentro do matrimônio, o que se reflete ainda nos dias de hoje nas divisões entre “mulheres para casar” e “mulheres para pegar”. Em ambos os casos, tanto quando é vista como objeto sexual, quanto quando é vista como casta e para casar; a mulher é objetificada, tem sua sexualidade reprimida e negada sendo sua única forma de expressão quando é em razão de um homem.

Indo ao encontro disso, nas páginas que acompanhei, há diversas publicações que corroboram com essa lógica. Como uma publicação que foi divulgada no grupo do telegram⁵³ da página *MGTOW Club* onde se lê: “Existem três tipos de mulheres para um homem: as de consumo, as para formar família e as desprezíveis. Hoje em dia, as de consumo se tornaram desprezíveis ao ponto, de nem valer a pena buscar pelas que seriam para formar família”. Há um claro incômodo por parte desses

⁵³ Serviço de mensagens instantâneas.

masculinistas com a sexualidade feminina e, principalmente, com mulheres que a expressam livremente, as “modernetes”.

Se as vítimas de estupros já tendem a ser questionadas, esses grupos trabalham para que se sejam mais descreditadas ainda, espalhando noções de que falsas acusações são muito comuns, há uma “epidemia de falsas acusações”. O Brasil não possui dados oficiais sobre falsas denúncias de estupro, contudo em nota divulgada pelo Ipea o que se constata é que, na verdade, este é um crime com uma alta taxa de subnotificação (CERQUEIRA; COELHO, 2014). Ou seja, há muito mais pessoas escondendo que foram vítimas de estupro, do que acusando falsamente. Podem ocorrer falsas denúncias de violência sexual da mesma forma que pode haver comunicações falsas de qualquer outro tipo de crime, sendo homens e mulheres vítimas de tais. Entretanto ativistas pelos direitos dos homens e MGTOWs criam uma realidade em que se tem mulheres acusadoras contra homens inocentes, na qual as mulheres aparecem apenas como falsas acusadoras.

Todas essas generalizações me parecem especialmente perversas quando levamos em conta que a maior parte das vítimas de estupro são crianças menores de 13 anos. A ideia que geralmente permeia o imaginário coletivo de que uma violência sexual é cometida, na maior parte das vezes, por alguém desconhecido da vítima em algum beco escuro, não corresponde com a realidade dos casos. Há uma grande probabilidade de ocorrer dentro do ambiente familiar, perpetrado por alguém próximo a vítima. O domicílio pode se tornar um lugar muito violento para mulheres e crianças de ambos os sexos, devido a subalternização destes em relação ao homem e a legitimação social desta supremacia masculina (SOUSA, 2017).

Contudo, seguindo as narrativas masculinistas essa supremacia é eclipsada, mesmo presente torna-se tênue, por conta de um movimento por parte desses sujeitos

de tirá-la de foco e fazer parecer que não há nenhuma forma de violência que acometa em especial as mulheres. Esse movimento se torna evidente quando o ativista Aldir Gracindo em seu perfil nega que a caça às bruxas, uma das maiores campanhas de terror empreendida contra um grupo social, tenha relação com a misoginia disseminada na sociedade àquela época. Diz que as feministas não são netas das bruxas que não conseguiram queimar, mas sim netas das falsas acusadoras, pois, se baseia em Van Creveld (2004), um historiador e teórico militar israelense, para afirmar que as “bruxas” eram, geralmente, acusadas por outras mulheres. Esse teórico publicou o livro “Sexo privilegiado” onde defende que, na verdade, foram as mulheres que gozaram de privilégios no decorrer da história, e é evidente o porquê de ter simpatizantes como ativista pelos direitos dos homens.

A página MGTOWolf evidencia todo seu ódio e desprezo às mulheres quando em uma publicação diverte-se com a ideia de caça às bruxas, onde mostra um templário⁵⁴ queimando bruxas, mesma página que já havia desejado “feliz dia das mulheres” usando uma imagem do goleiro Bruno, condenado por ter assassinado sua ex-companheira.

⁵⁴ Ordem dos Cavaleiros Templários foi uma organização militar vinculada a Igreja Católica.

Figura 9 – Caça às bruxas



Fonte: página MGTOWolf no Instagram

De acordo com Silvia Federici (2019) a caça às bruxas não foi um movimento espontâneo, vindo de baixo, mas sim foi um processo que requereu uma vasta organização e administração oficial. Antes que os vizinhos começassem a desconfiar entre si, houve um extensivo doutrinação no qual as autoridades viajaram de aldeia em aldeia alertando sobre os perigos das bruxas e ensinando as pessoas a como reconhecê-las. Embora sempre haja aqueles que para esquecer-se da própria precariedade acabam empurrando o outro ao abismo, é inegável que toda a misoginia difundida pela Igreja Católica ajudou a criar um cenário propício, fornecendo o arcabouço metafísico e ideológico para que a caça às bruxas pudesse se dar.

3.5 APRESENTAÇÕES DO FEMININO

Durante o processo de construção do meu projeto, entre muitas discussões, uma de minhas colegas me fez uma pergunta pertinente: “Mas de que mulheres estão falando?” Depois de muitas derivações por entre imagens, vídeos e textos a resposta que me ocorre para essa pergunta é: “Bem, de nenhuma”. Com isso quero dizer que por mais que existam mulheres criminosas, promíscua, “interesseiras”, a forma como constroem a imagem das mulheres diz respeito a suas crenças, medos e angústias. Há um sofrimento em muitos desses que se identificam sob o signo da *red pill* contudo, direcionam esse sofrimento às feministas e às mulheres em geral que são, então, investidas como as responsáveis por isso, aquelas que os fazem sofrer por ter levado a sociedade a um estado caótico, segundo o que acreditam, como denota a afirmação da *MGTOW Club* de que não estão necessariamente em guerra contra as mulheres, mas sabem quem elas são e do que são capazes. Não tratam de questões sociais contemporâneas que podem trazer adversidades aos homens, mas sim de mulheres e como estas podem ser perversas.

Trazem a figura feminina como algo destituído de subjetividade, um simulacro vazio preenchido por suas crenças e medos. Então, ora são como crianças irresponsáveis, ora são seres terríveis que podem destruir a vida de um homem. Essa forma vazia de caracterizar as mulheres se torna evidente no vídeo intitulado “mulheres independentes” de *Raccooning Raccoon* em que tenta argumentar, sem apresentar quaisquer dados, que as mulheres em sua maioria não são independentes. Durante esse vídeo o *MGTOW* afirma que as mulheres sempre vão procurar por alguém que tenha uma renda igual ou superior a sua, ou melhor, alguém que ganhe duas vezes mais que ela mesma, pois então, poderia largar seu emprego e passar a

viver sem trabalhar tendo o mesmo padrão de vida. Ou seja, para este MGTOW, é como se as mulheres não possuíssem desejos e ambições, não sentissem realização pessoal ao exercer uma profissão; não só se satisfariam com uma vida restrita ao lar, como buscariam por tal.

Ou quando *O homem racional* explica para seus seguidores que quando uma mulher diz não fazer algo por algum motivo, na verdade ela faria isso que está dizendo não fazer com um homem que despertasse esse desejo nela. Novamente são caracterizadas não como sujeitos que possuem desejos, vontades e preferências; mas como sujeitos que poderiam ser levadas a fazer o que for, mesmo o que a princípio dizem não querer, para isto bastaria “desperta-lhes seu desejo”. O administrador dessa mesma página sempre que um seguidor o questiona se seria uma boa ideia voltar com a ex, responde comparando-as a objetos usados, geralmente devolve a pergunta questionando o seguidor se ele compraria um carro que já teve muitos donos. Em determinada publicação ele replica a afirmação de que o histórico sexual de uma mulher não determina o valor dela com a seguinte pergunta: “Ok, então um par de tênis que já teve 50 donos anteriormente, deve valer o mesmo que um par de tênis novos? Uhum, senta lá. (sic)” Ou seja, para ele mulheres são como objetos que se forem muito usados perdem o valor.

Um sistema de opressão sempre implica em um desprezo pela subjetividade do oprimido. Na mansfêra as mulheres não são reconhecidas como sujeitos cada quais com suas singularidades, mas são constituídas a partir de uma visão masculina e o desprezo por suas subjetividades se manifesta a todo instante, como quando são caracterizadas como modernetes ou como conservadias. Modernetes são as mulheres modernas que se distanciam daquelas mulheres do lar, dóceis e submissas, que são muito liberadas e promíscuas para o que creem. Enquanto que conservadias

são mulheres conservadoras, mas que, para eles, só assumem esta posição por almejar os benefícios de ter um provedor, mas não assumem suas responsabilidades, ou seja, sua posição de submissão. Indo ao encontro disso a página *O homem racional* alerta para que seus seguidores tomem cuidados com as “espertinhas” que, segundo o que acredita, dizem defender relacionamentos tradicionais apenas para obterem a liberdade de ficar à toa em casa, se isentando de responsabilidades enquanto que tem alguém que as sustentem.

Modernetes, conservadias, espertinhas, falsas conservadoras, mulheres de direita que não são muito diferentes de feministas de esquerda⁵⁵. Por mais que alguns desses digam que acreditam ainda existir mulheres com as quais vale a pena ter um relacionamento, me parece que dificilmente uma mulher não será hostilizada nesse meio. Valem a pena para um relacionamento apenas até se tornarem “incorrigíveis”, como traz o *Samurai Redpill*.

Criar termos pejorativos para definir as mulheres é um movimento significativo, tendo em vista que somos um ser linguístico e necessitamos da linguagem para existir. As injúrias reiteradamente direcionadas às mulheres, visam retirar-lhes a agência sobre si mesmas constituindo-as em uma posição de subalternidade, pois, há uma relação inseparável entre corpo e fala e, conseqüentemente, entre fala e seus efeitos, onde o discurso de ódio não apenas reflete uma relação de dominação social, mas coloca em ação a dominação e, então, o discurso torna-se veículo através do qual a ordem social, baseada em certas opressões, é reestabelecida. O que o discurso de ódio faz, então, é constituir o sujeito em uma posição subordinada (BUTLER, 2021).

⁵⁵ Essa é uma noção que circula principalmente entre MRAs na qual acreditam que o ginocentrismo estando intrínseco a cultura também se manifesta em mulheres e homens que se identificam com o espectro político da direita conservadora, então, segundo o que creem os ativistas, as mulheres de direita também tenderiam a colocar os homens em uma posição de terem de servi-las, em nada muito diferente de feministas.

Durante meus percursos notei que uma das formas recorrentes de apresentar as mulheres era como perigosas, alguém com um potencial destrutivo ao qual deveriam manter-se atentos. Como as imagens abaixo, esbarrei em muitas outras em que a figura de uma mulher aparece vinculada a algo quase demoníaco.

Figura 10 – Como mulheres são retratadas



Fonte: Compilação feita pela autora⁵⁶.

A respeito disso o *Samurai Redpill* fez várias publicações tratando da “magia negra do magnetismo feminino”, onde elenca a dissimulação, a voluptuosidade, a mentira, o sexo e o que chama de dúvida nefasta como as principais características desse magnetismo, então discorre sobre cada uma para que seus seguidores possam conhecer e assim evitar cair em armadilhas. Sobre a dissimulação, esse sujeito traz que mulheres são seres teatrais e por isso vão ocultar suas verdadeiras intenções e interesses, confundindo-os com sua “ardilosa hipocrisia”. Dissimulando-se em uma aparência inocente de alguém que necessita de ajuda, oculta sua “face obscura” para manipular os incautos. Sobre a voluptuosidade diz que a beleza que apresentam é proporcional a destruição que podem causar, se usam dos atributos que agradam os

⁵⁶ As figuras foram retiradas respectivamente das páginas MGTOW Club, MGTOW Brazil e Samurai Red Pill.

homens para apunhalá-los pelas costas no momento mais oportuno. “Você caminha para o precipício do apaixonamento sem perceber”.

Com relação a mentira o *Samurai Redpill* diz que lhe parece que as mulheres têm uma facilidade maior para mentir, adoram enganar e ocultar fatos desde crianças (ainda pontua que por vezes possuem até a convivência da mãe). Mas para isso apresenta uma solução:

Mais uma vez, nosso erro consiste em não aceitar tal natureza fria delas. Sugiro que, para se blindar e contra atacar a espertinha, é necessário estimular suas falácias até que se tornem ridículas e encurrale-as. Elas não se envergonham da mediocridade que o intelecto delas possui, a dor de uma mentira provém da recusa do homem e incapacidade de aceitação como inerentes da natureza humana. (SAMURAI RED PILL, 2021)

Na sequência diz que as mulheres usam os impulsos sexuais masculinos para controlá-los, enquanto que a satisfação que obtêm disso é de sentirem-se desejadas. Por fim, por dúvida nefasta diz que estas deixam dúvidas e assuntos mal resolvidos de forma proposital jogando com contradições e indefinições para deixar a contraparte em um estado de confusão. “Ela vai jogar com você até os limites, sem escrúpulos para testar suas qualidades como macho de alto padrão e como um bom reprodutor/provedor”.

Já a página *MGTOW Club* faz uma comparação de que mulheres podem ser tão perigosas e inóspitas quanto um deserto, podendo engolir e sufocar homens como areias movediças. A página traz que quem cai nessas armadilhas são aqueles fracos emocionalmente e sem controle sobre seus impulsos, que se deixam levar pelo “caos” social, aceitando tudo o que a sociedade lhes impõe e espera que seja. Posteriormente, a mesma página pontua que as modernetes (ou destruidetes como trazem em dado momento) nada mais estão fazendo do que mostrar sua “face do

demo” que sempre tiveram desde os tempos de Eva⁵⁷, mas que em décadas passadas não mostravam por conta das regras morais que eram impostas. O MGTOW traz como o mau tem sido identificado com as mulheres desde tempos bíblicos, o que justificaria serem submetidas a um domínio e controle masculinos, pois só assim, sendo controladas e tolhidas, é que representariam uma menor ameaça e seu “lado maligno” não se mostraria livremente. A partir de publicações como essa parece haver ao mesmo tempo um medo e uma necessidade de controle sobre o feminino e o que este representa.

Sobre a malignidade que supostamente habita às mulheres a página *Homens e irmãos* em uma publicação de outubro de 2020 divulgou uma foto em que mostra a escultura de Perseu segurando a cabeça de Medusa, parte da mitologia grega, com a legenda: “Há momentos em que a arte e seus símbolos são suficientes para comunicar algo. Sintam a catarse, meus amigos”. A figura da Medusa já apareceu outras vezes na página representando aquilo que combatem, geralmente o feminismo ou o ginocentrismo. A capa do livro “*Men. Women. Relationships*”⁵⁸ de Paul Elam, um dos principais nomes do ativismo pelos direitos dos homens nos Estados Unidos, também traz essa escultura do Perseu matando a Medusa. Mesmo que digam que com a Medusa identificam a vitória sobre o feminismo, e não necessariamente sobre as mulheres em geral, há uma noção recorrente dentro da mansferra de que todas as mulheres têm algo de feminista, mesmo as que se dizem conservadoras. Como algo próprio do ressentimento em que o sujeito se ocupa de gozar na fantasia sua vingança, esses ativistas regozijam-se em fantasia através do mito de Perseu.

⁵⁷ Se referem a mitologia bíblica em que a Eva come o fruto proibido fazendo com que ela e Adão sejam expulsos do paraíso.

⁵⁸ https://www.amazon.com.br/Men-Women-Relationships-Surviving-Masculinity-ebook/dp/B07S6L199R/ref=sr_1_1?_mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&keywords=paul+elam&qid=1637459903&sr=8-1

É emblemático que se usem do mito de Medusa e sua trágica história para representar aquilo que se empenham em combater. Muitos conhecem o monstro com cabelos de serpente que tem o poder de petrificar quem olhar em seus olhos, mas poucos sabem da história de como se tornou tal. A mitologia grega traz que Medusa era uma das mais devotadas sacerdotisas de Atena que por sua beleza encantava mortais e imortais, entre eles o deus Poseidon que também nutria uma rivalidade pela deusa Atena e por conta disso decidiu corromper a pureza de sua mais destacada sacerdotisa para atingir a deusa. Mas Medusa, se esquivava constantemente das investidas de Poseidon que cansado das negativas e dominado pela paixão, o deus dos mares decidiu violar a sacerdotisa dentro do templo. Então, Atena furiosa pelo o que levou como uma grave afronta, castigou sua sacerdotisa transformando toda sua beleza em monstruosidade, assim surgiu o monstro Medusa, condenada pelo o que foi vítima (KONRAD, 2017).

Por conta de sua história em muito semelhante a de vítimas de abuso sexual, Medusa também já foi tomada como um símbolo da luta feminista. Em outubro de 2020, em um revisionismo do mito, uma estátua representando Medusa segurando a cabeça de Perseu⁵⁹ foi colocada em frente ao tribunal onde o produtor de cinema americano Harvey Weinstein foi julgado e condenado a 23 anos de prisão por estupro, sendo este o caso que deu início ao movimento MeToo⁶⁰.

Como dito anteriormente outra forma de apresentar as mulheres, também muito presente nesse meio, é comparando-as a crianças. Isso vai desde insinuar de forma mais sutil, até dizê-lo explicitamente. Nesse sentido a página *O homem racional* traz sobre o que diz ser uma neotenia psicológica apresentada por algumas mulheres.

⁵⁹ <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-54669548>

⁶⁰ Movimento contra o assédio e agressão sexual que teve muita repercussão em 2017, através do uso da *hashtag* #MeToo

Neotenia é um termo advindo da biologia usado para definir algumas espécies em que um organismo já adulto retém algumas características juvenis. Então, a página citada se apropria desse termo científico e passa a usá-lo para designar o que seria uma neotenia psicológica, condição na qual uma pessoa já adulta ainda apresentaria características mentais próprias de uma criança ou alguém jovem, imaturo. Condição que usa para designar em especial algumas mulheres, pois segundo ele, apresentam mais frequentemente um comportamento de se isentarem de responsabilidade sobre suas ações, a exemplo de Eva que culpou a serpente por tê-la convencido de comer do fruto proibido. Continua dizendo que isso se deve pela neotenia física levar à neotenia psicológica. Em suas palavras:

A Neotenia Psicológica, está condição de infantilidade é tratada mais adequadamente como uma condição psicológica de alguém que retém traços da infância, em um corpo e mente 'adultos'. Curiosamente, a Neotenia Psicológica é mais vista em mulheres porque a própria Neotenia física – qualidade de quem retém também características infantis no corpo adulto (vide a traços faciais, olhos grandes, fala aguda, poucos pelos corporais etc.), acaba que por fim puxando a Neotenia Psicológica juntamente consigo. Visto que é uma característica infantil a terceirização da culpa, está atitude em pessoas adultas se torna inadmissível e até algo a ser repudiado; é intolerável que uma pessoa adulta insista em atitudes completamente antissociais⁶¹ de terceirizar (sic) a culpa na intenção de se isentar de quaisquer consequências. (HOMEM RACIONAL, 2021)

A ideia de que mulheres tendem a tentar se eximir de responsabilidade é algo também enunciado por *Raccooning Raccoon*, que chega a afirmar que “responsabilidade é a criptonita das mulheres” e então, a partir disso defende que elas estariam mais próximas de serem como crianças ou adolescentes do que adultas. Quando fala de responsabilidade *Raccoon* geralmente se refere a mulheres que esperam (ou delegam, segundo ele) o papel de provedor ao homem.

⁶¹ Nesse momento fica-me claro que esse sujeito pouco entende de psicologia, visto que o ato de tentar se eximir da culpa por seus atos, por si só, não pode ser considerado como um comportamento antissocial. Parece-me que apenas se usa da Psicologia enquanto área do saber para tentar trazer credibilidade a suas elucubrações.

Samurai Red pill afirma: “mulheres são como crianças, dê a elas o que precisam e não o que te pedem”, segue dizendo que é possível notar suas semelhanças com crianças através de seus gostos por doces, de seus “dramas teatrais” e suas rebeldias, além de seus traços físicos. Chorar seria uma de suas características “infantis”. Então, deixa um alerta para seus seguidores: “procure enxergá-las como meras crianças, mas esteja sempre atento às suas ardilosas travessuras”.

A noção que aproxima mulheres de crianças também apresenta-se de formas mais sutis, como em citações que estão sempre circulando nesse meio, a exemplo de uma frase de Don Corleone⁶² em que diz que mulheres e crianças podem ser descuidadas, mas homens não.

Sejam desenhadas como irresponsáveis e imaturas ou como más, quase demoníacas; mulheres sempre são colocadas em uma posição de alteridade, como o outro completamente distinto, o qual se pode esvaziar de subjetividade e singularidade, a fim de construir sua imagem de forma a relegar a uma posição de subalternidade onde justifica-se e legitima-se o controle masculino sobre estas. Torna-se possível ferir o outro sem ferir a si mesmo, a partir do momento em que esse outro é construído como um ser completamente distinto, e não como alguém que compartilha da mesma condição humana.

3.6 MATRIMÔNIO, PROPRIEDADE E LIBERDADE

A página *Samurai Redpill* em uma publicação sobre o que vê como conquistas do feminismo da voz a um anseio que vez ou outra se faz presente no âmbito da mansfera: a possibilidade de a mulher separar-se (a qualquer momento) e levar os

⁶² Protagonista do filme “O Poderoso Chefão” de 1969.

filhos do casal consigo, em que então o pai é privado de criar seus filhos por decisão da mulher, restando apenas a obrigação de “pagar pelos filhos”.

Quando esse tema surge parece haver um tom em que filhos e esposa são vistos quase que como uma propriedade. São *seus* filhos que podem *lhe* ser tirados, *sua* esposa que pode decidir ir embora a qualquer momento. Isso em um contexto cultural em que até 2002 o Código Civil brasileiro trazia em seu texto a expressão pátrio poder que instituía o marido como chefe da instituição familiar. A expressão, pátrio poder, remonta do direito romano *pater potestas*: direito absoluto e ilimitado conferido ao chefe da organização familiar sobre os filhos. O pátrio poder era prerrogativa exclusiva do pai que detinha o poder de escolha e controle sobre a vida e a morte daqueles que estavam sob seu jugo, esposa e filhos. Ainda, no direito da família brasileiro, há algumas décadas atrás as mulheres eram consideradas relativamente incapazes e tinham seus direitos civis restringidos sendo postas sob a tutela de seus maridos, necessitando da autorização destes para, por exemplo, simplesmente exercer uma profissão. Isto só começou a mudar com a promulgação do estatuto da mulher casada, em 1962, que trouxe maior independência jurídica à mulher, abrindo caminho para a Constituição Federal de 1988 (FREITAS; SILVA, 2013; SOUZA, 2021).

A Constituição de 88 estabeleceu a igualdade material entre homens e mulheres de forma que o pátrio poder passou a ser estendido também às mães; e, apenas, em 2002 o termo foi retirado do Código Civil sendo substituído por poder familiar (FREITAS; SILVA, 2013).

Pátrio poder é algo que saiu de cena na legislação, mas culturalmente a época em que um homem de fato poderia decidir sobre a vida de esposa e filhos/as à revelia da vontade destes ainda deixa suas marcas. Marcas que vemos quando sujeitos que

se identificam com o signo da *red pill*, trazem sobre questões envolvendo o direito de família, pois, me parece que o que mais lhes fere é a perda do estatuto de chefe, a perda daquela propriedade que lhes era assegurada até há poucos anos atrás. Digo isso, pois pouco vejo esses sujeitos dispostos a problematizar sobre a responsabilidade pelos cuidados dos/as filhos/as, que, via de regra, recai sobre a mulher. Apenas doem-se quando esses/as filhos/as são levados independentemente de sua vontade, lamuriam-se por ter perdido seu direito de propriedade sobre sua família nuclear.

É interessante como liberdade é princípio muito valorizado dentro da manófera, mas ao mesmo tempo se incomodam com a possibilidade de uma mulher poder escolher entre ter ou não um filho/a, se manter ou não em um casamento ou viver sua sexualidade como lhe apraz. A exemplo disso a página *Homens e irmãos* já trouxe sobre sua admiração às sociedades clássicas como Grécia e Roma antigas, que considera como sociedades mais livres (sociedades em que havia escravos e mulheres não eram consideradas cidadãs) e não por acaso, eram também menos ginocêntricas, segundo a referida página. Frente a isso, o questionamento que se faz pertinente é: de que liberdade estão falando? Liberdade de quem e sobre quem?

Semelhante aos gregos antigos que admiram, liberdade sim, mas não a liberdade de todos/as. Apenas defendem e prezam pela liberdade de um estrato social específico do qual fazem parte. Sujeitos habituados a verem-se em um lugar de superioridade em uma hierarquia social agora, apequenados ressentem-se por não se verem mais em uma posição de autoridade e dominação que tomam como natural. Com isso tentam de todas as formas reafirmar uma suposta superioridade, defendem ferozmente o que entendem por liberdade, o que acaba se tornando na defesa de seu direito de “exercer sua liberdade” sobre outrem, controlando esses sujeitos e

produzindo subalternidades de grupos que não são reconhecidos como compartilhando o mesmo status de sujeito.

Se na Grécia antiga mulheres não detinham quaisquer direitos políticos, em páginas que circulam pela manosphere e também em páginas conservadoras, o direito ao voto feminino é o primeiro a ser questionado. No momento em que Bolsonaro vetou o projeto de lei que previa a distribuição de absorventes para pessoas de baixa renda⁶³, isso gerou muita polêmica levando a muitas pessoas a manifestarem-se publicamente, então *Jesus MGTOW* compartilhou uma publicação de seu “mestre” *Raccoon* em que este dizia que, naquele momento, ao se pesquisar por absorvente no *Twitter* ver-se-ia inúmeros motivos de por que o voto feminino foi um erro. Ao final de uma *live* com a página *O homem racional, Samurai Redpill* afirma que mulheres deveriam ser proibidas de votar, ao que seu amigo riu e completou que tendo mais mulheres participando da política ter-se-ia mais “pautas emocionais”.

Já a página *Tabrando o quebu*⁶⁴ publicou em suas redes: “Quem conquistou na marra através de guerras a independência do Brasil foram os homens, com isto conseguimos o direito de eleger nossos representantes!” *Raccoon* endossa essa narrativa e em *live* transmitida pelo *youtube*, falou de duas antifeministas (cujo o nome não citou) que teriam dito que o direito ao voto foi mera concessão de uma conquista masculina, entretanto a crítica que o MGTOW faz a essas antifeministas é que apenas reconhecer isso não basta, elas deveriam ao menos pensar e sugerir um dever que as mulheres deveriam cumprir para então, ter assegurado seu direito ao voto.

⁶³ https://www.casaum.org/bolsonaro-veta-distribuicao-gratuita-de-absorvente-a-mulheres-de-baixa-renda/?gclid=CjwKCAiAnO2MBhApEiwA8q0HYQM0qf8gH91zQF2R25pWdRlvDcW-JxtSOG4fpD9LhlsN1pOiGHUw2RoCUMMQAvD_BwE

⁶⁴ Não considero necessariamente a página *Tabrando o quebu* como parte da manosphere, mas se trata de uma página reacionária cuja publicações costumam ser muito compartilhadas por Mgtows.

Voltando para a publicação de *Tabrando o quebu*, há uma confusão de fatos históricos, que não sei se foi proposital ou por desconhecimento, haja vista a possibilidade de escolher por meio do voto o chefe máximo do poder executivo não veio com a Independência do Brasil, mas com a Proclamação da República que, no Brasil, se deu através de um golpe militar que nem ao menos teve participação popular. Independentemente dessa confusão ter sido deliberada ou não, fato é que fazem uma releitura de acontecimentos históricos através de seu viés para moldar a realidade de acordo com seus interesses.

Em *live* sobre os direitos dos homens, Adir Gracindo fala sobre o direito ao voto afirmando que esse direito era assegurado aos homens, pois estes, ao contrário das mulheres, teriam de servir em guerras então lhes era assegurado o direito de escolher seus representantes que poderiam lhes enviar à guerra. O que parece lógico, mas não se sustenta frente a menor análise, pois havia muitos homens de classe socioeconômica mais baixa a quem era vetado a possibilidade de eleger representantes, isso porque participar da vida política de uma sociedade é uma forma importante de exercer poder, portanto alguns grupos sociais eram mantidos apartados da política *strictu sensu*, por haver diversos eixos de opressão que perpassam o tecido social, sendo os principais deles gênero, raça e classe.

No Brasil a possibilidade de votar e escolher representantes não é algo novo, existe desde o período em que era colônia de Portugal, com o decorrer do tempo o que mais se alterou foi a forma das eleições e a participação popular. A constituição de 1824 estabelecia o voto censitário em que para votar em primeiro grau era necessário ter ao menos 100 mil réis como renda líquida anual, além disso era necessário ser homem, livre e maior de 25 anos, já para votar em segundo grau era preciso ter uma renda mínima de 200 mil réis. Com a Proclamação da República que

inaugurou o presidencialismo no Brasil deixou-se de lado o censo econômico para exercício da capacidade eleitoral e reduziu-se a idade exigida para 21 anos, fixando um sistema de sufrágio direto e universal, contudo ainda havia alguns grupos restringidos desse direito, entre eles estavam os analfabetos, os mendigos, os indígenas e as mulheres. Durante a elaboração da Constituição de 1881 que manteve excluídos do direito ao voto os analfabetos e as mulheres, a justificativa usada para tal foi a de que estes “seriam mais influenciáveis, fosse pelos patrões, fosse pelos maridos e pais. Portanto, por esse argumento, as mulheres e os analfabetos não teriam opinião política própria” (CHAIA apud AZEVEDO, 2018, p.29). Foi somente com a elaboração do Código eleitoral de 1932 e a Constituição de 1934 que se garantiu a extensão do direito ao voto às mulheres (AZEVEDO, 2018).

Se formos tomar o que diziam antifeministas contrários ao sufrágio feminino, como Ernest Bax, suas principais argumentações giravam em torno da ideia de que as mulheres não teriam capacidade para exercer direitos políticos devendo, portanto, ficarem restritas ao ambiente privado, mas em momento algum questionava a necessidade de serviço militar. Essa relação estreita entre direito ao voto e serviço militar faz parte de uma narrativa que vem sendo levantada nos últimos anos com o intuito de questionar os direitos das mulheres. Além, disso esses sujeitos trazem uma correlação entre direitos e deveres, na qual para que se possa exercer determinado direito seria necessário, segundo eles, o cumprimento de algum dever, contudo essa correlação só vem à tona quando se trata do direito ao voto, pois, repito, o único intuito com isso é atacar e tirar a legitimidade dos direitos políticos das mulheres. A verdade é que não existe teoria jurídica que sustente tal ideia, da mesma forma que para alguém ter o direito à vida assegurado basta o reconhecimento de sua condição humana, para ter direito ao voto basta o reconhecimento de sua condição de cidadão.

Como Simone de Beauvoir (2014) alertara: “Basta uma crise política, econômica ou religiosa para que os direitos das mulheres sejam questionados. Esses direitos não são permanentes.”

3.7 A DEFESA DA MASCULINIDADE HEGEMÔNICA

Percorrendo a manosphere me deparei muitas vezes com figuras e fotos de homens musculosos e barbudos, me parecendo ser quase uma marca registrada desses grupos, com a qual se identificam. Dentro desse universo até mesmo Jesus é extremamente musculoso. Não raro encontrei sujeitos que em vídeo usam aplicativos para distorcer a voz e fazê-la parecer mais grave.

Figura 11– Imagem de perfil da página Jesus MGTOW



Fonte: Página Jesus MGTOW no Instagram.

Há uma defesa de uma forma de masculinidade mais tradicional e recrudescida, na qual são valorizadas características como força, virilidade, invulnerabilidade, que eles fazem sentir que está ameaçada nos dias atuais. Acreditam que há tentativas de emascular e feminizar homens ao se taxar certas “características masculinas” como tóxicas. Esses grupos tomam masculinidade como algo unívoco, com um significado, uma possível interpretação, onde qualquer coisa que a questione se torna uma tentativa de destruir a masculinidade. Entretanto, antes

de ser algo dado, masculinidade é uma categoria social e histórica, tendo em vista que ser homem adquire significados e práticas diferentes variando de acordo com a cultura, idade, período histórico. Mesmo que seja múltipla dentro desses grupos a sensação é de que é única, havendo apenas um processo de tornar-se tal, onde endossam uma masculinidade bastante tradicional que constitui subjetividade e identidades masculinas a partir de símbolos e relações de força e agressividade (SOUZA, 2005).

Costumam se lamentar pela forma como os homens vem sendo representados em obras de entretenimento atuais, onde eles veem que há uma lacuna de bons exemplos de masculinidade como Rambo e Rocky Balboa. Os heróis da geração atual não são mais tão viris quanto eram há alguns anos atrás, a exemplo disso citam personagens como o Homem Aranha, interpretado por Tom Holland, ou o Doutor Estranho de Benedict Cumberbatch. A “lacuna de boas representações masculinas”, para esses sujeitos, seria um exemplo do quanto a masculinidade tem sido atacada, no ocidente, com o intuito de destruí-la. Um dos poucos personagens contemporâneos que os sujeitos da manosphere costumam admirar é Thomas Shelby da série policial britânica Peaky Blinders, este não necessariamente por sua virilidade, mas por sua posição de liderança e dominância, personagem conhecido por ser frio e violento.

A ironia disso é que no dia-a-dia é muito mais fácil encontrar alguém semelhante ao Tom Holland do que ao Stallone ou Schwarzenegger. Penso que apenas um fisiculturista conseguiria se comparar a estes últimos, sendo que o próprio Schwarzenegger era um fisiculturista antes de se tornar ator e já revelou ter feito uso de esteroides⁶⁵ para chegar a forma que tinha quando estava no seu auge. Ou seja,

⁶⁵ <https://observatoriodocinema.uol.com.br/famosos/2021/03/schwarzenegger-revela-ter-feito-uso-de-esteroides-nao-me-arrependo>

aqueles que estão sempre ancorando seus discursos a uma ideia de natureza, colocam como ideal um corpo que dificilmente é atingido de forma natural, sem se fazer uso de esteroides.

Beiras et al. (2007) traz que esse ideal de corporeidade masculina, de um corpo forte e musculoso, muito presente nas mídias e na forma como heróis são representados, faz parte de um padrão normativo no qual músculos são indicativos de masculinidade. Os autores que analisaram HQs trazem o quanto nessas histórias as mulheres eram representadas como coadjuvantes, ora jovens e atraentes ora velhas e frágeis, mas raramente como iguais. Ao passo que o protagonista, quase sempre um homem branco, é apresentado através de um ideal de masculinidade onde musculosidade é associada a poder de ação e protagonismo. Me parece que é essas formas de representações que os sujeitos da manosphere gostariam de ver novamente, e que fossem o padrão normativo. Infiro isso por conta de reclamações acerca de personagens como a Capitã Marvel, ou os lamentos pela forma como James Bond, o clássico personagem 007, foi representado no último filme de 2021: “007: Sem tempo para morrer”, onde este divide a cena com a personagem Nomi, uma mulher negra.

Figura 12 – James Bond



Fonte: página MGTOW Club no Instagram.

Connell (1995) ao elaborar suas teorizações sobre masculinidade hegemônica traz que se trata de um padrão de práticas estabelecida de forma a garantir a posição dominante dos homens na sociedade, mas que apenas uma minoria de homens, de fato, apresenta e consegue sustentar, contudo tem força normativa e exige que todos os homens se posicionem em relação a ela. É interessante pensar em masculinidades hegemônicas, no plural, pois não se trata de algo estático, estável; mas sim algo que pode variar de cultura para cultura, assumindo diferentes padrões e incorporando diferentes elementos. Nesse caso esses sujeitos endossam um padrão de masculinidade marcado pela força, virilidade, racionalidade, supressão das emoções e distanciamento de tudo que é visto como feminino, em que pregam tornar-se homem

construindo seu corpo através de exercícios como musculação e a mente através da racionalidade.

Esse movimento parece ser um tanto quanto paradoxal, pois os mesmos grupos que fazem questão de trazer sobre as elevadas taxas de suicídio entre homens, também fazem uma defesa a uma forma de masculinidade que pode garantir uma posição de dominação, mas não sem um preço. E muitas vezes esse preço é a saúde mental de muitos homens.

Contudo, essas discussões sobre saúde mental e masculinidade são tratadas com rechaço dentro da manosphere, pois para eles soa como uma forma de culpar a vítima pelo o que sofre. Como traz o ativista Aldir Gracindo: “Feminismo é um movimento ‘do bem’ segundo o qual os problemas das mulheres têm origem nos homens e os problemas dos homens são primeiramente ignorados e ridicularizados e depois atribuídos aos próprios homens. Por isso a invenção do machismo.”

Apesar de não discutirem a fundo essas questões relacionadas a saúde mental, dão a entender, por vezes, que o adoecimento psíquico é causado pelo próprio feminismo e pelo ginocentrismo de forma geral. Em vídeo publicado pelo canal *Um viking de óculos*⁶⁶, vemos um jovem dizer que a razão para os índices de suicídios serem maiores entre homens é por conta das feministas que os atacam e os desprezam. “Não venha colocar a culpa do seu mau caráter, seu e da sua galerinha femimi, no machismo”, diz ele.

Discussões atuais que contestam certos parâmetros de masculinidade são logo rechaçadas por esses grupos, reagiram com indignação à música “masculinidade” do cantor e compositor Tiago Iorc que conta com versos como “Eu me achava mó legal / Queria ser uma unanimidade / Eu quis provar minha virilidade / Eu duvidei da minha

⁶⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=EZ2QE6-xS8g>

validade / Na insanidade virtual / Eu cuido pra não ser muito sensível / Homem não chora, homem isso e aquilo / Aprendi a ser indestrutível / Eu não sou real / Conversando com os meus amigos / Eu entendi que não é só comigo / Calar fragilidade é castigo”.

Manual Redpill traz em suas publicações que essas discussões são uma “falácia perigosa” que pretendem desconstruir o que nem está construído, ou seja, defende que homens deveriam construir-se em moldes mais tradicionais ao invés de “desconstruir-se”. Seguindo afirma que passar por situações difíceis torna um homem mais masculino e o mesmo aconteceria com uma mulher que se “masculinizaria” ao enfrentar adversidades, por conta disso recomenda que as mulheres atentem-se a isso e voltem a se conectar com seu “polo feminino”. A noção de polo feminino e masculino é muito presente entre os “coach” de relacionamento *redpill* (como é o caso das páginas *O homem racional*, *Manual Redpill* e *Social Arts*) que é uma noção em muito impregnada pelos princípios defendidos pelos PUAs, onde o que acreditam ser o polo feminino é identificado como as emoções, a passividade e a fragilidade, enquanto que o polo masculino é associado a razão, a iniciativa e a liderança.

Frequentemente apresentam as mulheres como emocionais e os homens como racionais, isso em uma cultura que costuma valorizar a razão acima da emoção e que as emoções seriam algo a ser controlado pela razão. Assim, endossam construções simbólicas e uma série de violências mais sutis que acabam por sustentar e legitimar um sistema de dominação.

Outro aspecto relevante a ser problematizado é o fato de quanto esses grupos são rápidos em trazer sobre guerras como sendo um sacrifício imposto aos homens do qual as mulheres foram poupadas, mas ao mesmo tempo apoiam-se em símbolos bélicos para afirmar a própria identidade, identificando-se como guerreiros, samurai,

vikings. Sobre guerras *Um MGTOW ancap* questiona caso acontecesse uma terceira guerra mundial as mulheres continuariam lutando por direitos iguais ou iriam voltar para sua posição de submissão ao protetor/provedor. Ou seja, a lógica que garante uma suposta proteção é a mesma que relega as mulheres a uma posição de subordinação, por isso ela é mais facilmente endossada por esses grupos do que questionada. Há uma construção simbólica que leva a uma hierarquia social colocando homens como protetores e mulheres como frágeis submissas. O que não mencionam são fatos como, por exemplo, durante a segunda guerra mundial houve uma participação expressiva de mulheres, que exerceram todas as funções desempenhadas por homens, suas atuações iam de construir aviões de guerra a pilotá-los em combate. Em 2015 a escritora e jornalista Svetlana Aleksievitch foi premiada com o Nobel de literatura por sua obra “A guerra não tem rosto de mulher” onde traz o relato de algumas dessas mulheres que atuaram durante a segunda guerra mundial para que não sejam apagadas da história, como tende a ser.

Esses sujeitos que circulam pela mansferra costumam levantar questões como o fato de homens serem a maioria entre as vítimas de crimes violentos, mas não parecem dispostos a discutir as conexões entre violência e masculinidade. Segundo o anuário brasileiro de segurança pública de 2021 divulgado pelo fórum brasileiro de segurança pública, homens representam 93,1% das vítimas de homicídio doloso e 89,6% dos registros de lesão corporal seguida de morte. Homens são a maioria entre agressores e vítimas, são os que mais matam e os que mais morrem. Geralmente os homicídios que vitimam homens acontecem em ambientes públicos perpetrados por outros homens, ainda segundo o anuário essas mortes acontecem por conta de disputas relacionadas a casos amorosos; briga entre familiares; briga entre conhecidos/vizinhos; briga entre desconhecidos; ação de gangues; tráfico de drogas;

roubo (latrocínio); cobrança de dívidas; confronto policial; vingança e outros. Ao passo que a maior parte dos homicídios de mulheres acontecem no ambiente doméstico sendo perpetrado por seus companheiros ou ex-companheiros.

É necessário refletir sobre as conexões entre gênero, masculinidade e violência, compreendendo o processo de socialização e o quanto a violência perpassa esse processo e, posteriormente, refletem-se nesses dados de mortalidade. Vê-se a importância de questionar identidades ainda hegemonicamente constituídas na força, na competição e na violência. Considerar questões como classe, idade e raça nessa dinâmica também é relevante, pois fatores socioeconômicos podem de alguma forma potencializar a associação entre ser masculino e a violência, onde a delinquência torna-se resposta a um social perverso (SOUZA, 2005; CECARELLI, 2001). Entretanto, quando discussões sobre a violência que homens sofrem e perpetram surgem na manufatura são usadas apenas para sustentar a política ontológica com a qual estão comprometidos, não com o intuito de discutir buscando por formas de dirimir essa violência.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta cartografia busquei ampliar a compreensão sobre um tema difícil e denso, mas que urge um olhar crítico. Busquei mostrar o que circula nesses grupos e a ontologia presente em seus discursos que pretendem fazer funcionar como verdade, expondo o quão presente é o endosso a uma misoginia que pensava já estar sendo superada.

São indivíduos que se apresentam, a princípio como preocupados em pensar problemas que afligem homens na sociedade contemporânea, mas ao se aprofundar nesse meio, nota-se que se trata mais de um não pensar, de dar vazão a velhos medos e preconceitos, de dar voz a todo o ódio ainda latente no social, reafirmando uma antiga hierarquia social que lhes era cômoda e lhes garantia autoridade. É evidente que há muita angústia por parte desses sujeitos, que em meio a um cenário político conturbado encontram nessas narrativas sobre ginocentrismo uma retórica agradável, que lhes afirma serem vítimas injustiçadas e lhes apontam o inimigo perverso que deveria ter sido mantido sob controle.

Esses movimentos se exacerbam e grupos extremistas e misóginos como o MGTOW ganham força, não por acaso, justamente em um período macrossocial marcado pela ascensão do neofascismo, que veio tomando forma e crescendo no Brasil desde o golpe de 2016. Já na ocasião do golpe se manifestava e se tornava clara, através dos ataques direcionados a então presidenta Dilma Rousseff, a misoginia que entremeava a realidade social brasileira. Ainda em 2016 o principal representante do neofascismo à brasileira⁶⁷, o (naquele momento) deputado

⁶⁷ Ao se caracterizar o bolsonarismo como um movimento neofascista, não estamos nos referindo a uma volta do fascismo histórico que ocorreu na Itália e na Alemanha, mas sim a formação de um governo com traços fascistas.

Bolsonaro em pleno Congresso Nacional presta homenagem ao torturador Brilhante Ustra, dedicando a este a derrubada da primeira mulher eleita presidente no Brasil, escancarando assim toda a perversidade do que estava se desenhando no contexto sociopolítico brasileiro.

Em momentos de convulsão social, de insegurança e precarização da vida causada pelo avanço de políticas neoliberais o fascismo é chamado à tona como o cão de guarda da classe dominante e do capital, onde então captura e coopta toda a insatisfação e todos os medos do cidadão médio e direciona a um inimigo comum, entrega um falso alvo a ser combatido, e este inimigo, criado pelo fascismo no imaginário das pessoas, costuma ser as minorias sociais.

“Deus, pátria e família”. Lema da Ação Integralista Brasileira, movimento brasileiro da década de 30 que se inspirava claramente no nazifascismo europeu. Nos recentes anos o mesmo lema volta ao cenário político brasileiro, agora através do bolsonarismo que atualiza o fascismo no Brasil mantendo alguns de seus principais traços, entre eles está o controle social sobre as mulheres e o culto a uma masculinidade recrudescida onde a misoginia se faz muito presente (ALMEIDA, 2022).

Uma característica marcante de fenômenos fascistas é o estabelecimento e a consolidação de uma hierarquia de gênero explícita, pois em sua base está a exaltação da família tradicional e da figura do patriarca como líder do núcleo familiar. Para que essa hierarquia funcione, o fascismo delinea papéis sociais de gêneros estritos nos quais condena as mulheres a um lugar de subalternidade, docilidade e submissão (STANLEY, 2018; ALMEIDA, 2022). É nesse contexto em que ganham adeptos movimentos extremistas que se ocupam de destilar ódio contra as mulheres e vociferar que estas ganharam direitos demais, pois sempre são as mulheres as

primeiras a serem vítimas e a sofrerem com a ascensão de um movimento tão perverso como o neofascismo.

Há algumas questões que vez ou outra são levantadas dentro da manofera que realmente são importante de serem debatidas, como os índices de suicídio entre homens, as taxas de violência, o quanto dificilmente um pai consegue ter a guarda dos filhos. Entretanto, o caminho a ser percorrido em vista de amenizar esses problemas não vem por meio desses extremistas, já que para isso seria necessário problematizar e discutir questões que estão entremeadas a um sistema de dominação ao qual estes não possuem interesse que seja questionado.

Em meio a tanto obscurantismo e ódio cada vez mais vê-se a necessidade de um debate ético e responsável que preze pelo respeito à dignidade humana. No que diz respeito ao papel do intelectual na sociedade e sua relação com a política, a ética e a verdade, Foucault (2004, p. 219) nos traz que “é preciso a cada instante, passo a passo, confrontar o que se pensa e o que se diz com o que se faz e o que se é.” O quão importante é manter uma prática ética e honesta que atente-se ao que produz e os efeitos sociais que traz.

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.
- ALMEIDA, João Paulo Martins. “**Deus, pátria, família**”: os sentidos do fascismo brasileiro. **RUA**, v. 28, n. 2, 2022.
- ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **A guerra não tem rosto de mulher**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- AZEVEDO, Alvina Gonçalves et al. **A história do direito ao voto no Brasil**. 2018.
- A VOICE FOR MEN. **Mission Statement**. Disponível em: <https://avoiceformen.com/a-voice-for-men/mission-statement/>. Acesso em: outubro de 2020.
- BANDEIRA, Lourdes Maria. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. **Sociedade e Estado**, v. 29, p. 449-469, 2014.
- BARROS, Laura Pozzana; KASTRUP, Virgínia. **Cartografar é acompanhar processos**. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (orgs). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, p. 17-31, 2015.
- BEIRAS, Adriano; LODETTI, Alex; CABRAL, Arthur Grimm; TONELI, Maria Juracy Filgueiras; RAIMUNDO, Pablo. Gênero e super-heróis: o traçado do corpo masculino pela norma. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, p. 62-67, 2007.
- BENGO, Camila. O *impeachment* da presidenta eleita Dilma Russeff e a pós-verdade. In: GUARESCHI, Pedrinho Arcides; AMON, Denise; GUERRA, André (orgs). **Psicologia, comunicação e pós-verdade**. Florianópolis: ABRAPSO, 2019.
- BERNARDES, Anita Guazzelli; HOENISCH, Júlio César Diniz. Subjetividade e identidades: possibilidades de interlocução da Psicologia Social com os Estudos Culturais. In: GUARESCHI, Maria de Fátima; BRUSCHI, Michel Euclides (orgs). **Psicologia Social nos Estudos Culturais: Perspectivas e desafios para uma nova psicologia social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- BROCHADO, Cláudia Costa. A Querelle des femmes e a política sexual na Idade Média. **Brathair-Revista de Estudos Celtas e Germânicos**, v. 19, n. 2, 2019.
- BRUNS, Axel. From prosumer to producer: Understanding user-led content creation. **Transforming Audiences**, 2009.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- BUTLER, Judith. Atos performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (org).

Pensamento feminista: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

BUTLER, Judith. **Discurso de ódio: uma política do performativo.** São Paulo: Editora Unesp, 2021.

CALAZANS, Myllena; CORTES, Iáris. O processo de criação, aprovação e implementação da Lei Maria da Penha. CAMPOS, Carmen Hein de. **Lei Maria da Penha comentada em uma perspectiva jurídico-feminista.** Rio de Janeiro: Lumen Juris, p. 39-64, 2011.

CAMPOS, Andrea Almeida. A cultura do estupro como método perverso de controle nas sociedades patriarcais. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 16, n. 183, p. 01-13, 2016.

CANDIOTTO, Cesar. Foucault: uma história crítica da verdade. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 29, n. 2, p. 65-78, 2006.

CECCARELLI, Paulo Roberto. Delinquência: resposta a um social patológico. **Pulsional: Revista de Psicanálise**, p. 5-13, 2001.

CHAUI, Marilena. **O mito da caverna.** 2003.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade.** Boitempo Editorial, 2021.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 99-127, 2016.

CONNELL, R. W. **Políticas da Masculinidade.** Educação e Realidade. 1995.

COSTA, Luciano Bedin da. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. **Revista digital do LAV. Santa Maria, UFSM. Vol. 7, n. 2 (maio./ago. 2014), p. 65-76**, 2014.

COSTON, Bethany M.; KIMMEL, Michael. White men as the new victims: reverse discrimination cases and the Men's Rights Movement. **Nev. LJ**, v. 13, p. 368, 2012.

CORDEIRO, Mariana Prioli; SPINK, Mary Jane Paris. Por uma Psicologia Social não perspectivista: contribuições de Annemarie Mol. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 65, n. 3, p. 338-356, 2013.

COULDRY, Nick. **The mediated construction of reality.** John Wiley & Sons, 2018.

DANTAS, Candida Maria Bezerra et al. A ESCALADA DO FASCISMO NO BRASIL: REBATIMENTOS AO CAMPO PROFISSIONAL DA PSICOLOGIA. **Psicologia em Revista, Belo Horizonte**, v. 26, n. 1, p. 405-425, 2020.

DE BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo.** Nova Fronteira, 2014.

DUNKER, Christian. Subjetividade em tempos de pós-verdade. In: DUNKER, Christian et al. **Ética e pós-verdade**. Editora Dublinense, 2018.

FARRELL, Warren. **The myth of male power**. Berkeley Publishing Group, 1996.
FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpos e acumulação primitiva**. Editora Elefante, 2019.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970/Michel Foucault; tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Do Governo dos Vivos**. Curso no College de France, 1979 – 1980. São Paulo: Centro de Cultura Social, 2009.

FOUCAULT, Michel. Política e ética: uma entrevista. In: **Ditos & Escritos V - Ética, Sexualidade, Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FREITAS, Maryana Chott de; SILVA, Caíque Tomaz Leite da. Do pátrio poder ao poder familiar. **Intertemas ISSN 1516-8158**, v. 18, n. 18, 2013.

GING, Debbie. Alphas, betas, and incels: Theorizing the masculinities of the manosphere. **Men and Masculinities**, v. 22, n. 4, p. 638-657, 2019.

GÓES, Juliana. Ciência sucessora e a (s) epistemologia (s): saberes localizados. **Revista Estudos Feministas**, v. 27, n. 1, 2019.

GUATTARI, Félix; DELEUZE, Gilles. Mil platôs. **Capitalismo e Esquizofrenia**. Rio de Janeiro, v. 34, 1995.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos pagu**, n. 5, p. 7-41, 1995.

ÍÑIGUEZ, Lupicinio. Construcionismo social e psicologia social. In: MARTINS, João Baptista; EL HAMMOUTI, Nour-Din.; ÍÑIGUEZ, L. (Orgs.). **Temas em análise institucional e em construcionismo social**. São Carlos: RiMa, 2002. pg.127-156.

KANIN, Eugene. An alarming national trend: False rape allegations. **Archives of Sexual Behavior**, Vol. 23, No. 1, 1994. Disponível em: <https://www.aals.org/wp-content/uploads/2015/06/Bowen-Kanin-False-Rape-Empirical.pdf> Acesso em: outubro de 2021.

KIMMEL, Michael. **Angry white men: American masculinity at the end of an era**. Hachette UK, 2013.

KEHL, Maria Rita. O ressentimento na masculinidade. In: **Masculinidade em crise**. Porto Alegre: Comissão de Aperiódicos da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, 2005.

KEHL, Maria Rita. **Ressentimento**. Boitempo Editorial, 2020.

KHAN, Imran. **A bolha misândrica**. 2010. Disponível em: <https://technoir106267938.wordpress.com/2019/10/10/a-bolha-misandrica/>. Acesso em: setembro de 2021.

KONRAD, Márcia. Medusa e a questão de gênero ou a punição por ser mulher. **Educação, gestão e sociedade**: revista da faculdade Eça de Queiroz. A, v. 7, 2017.

LIN, Jie Liang. Antifeminism online. In: **Digital Environments**. transcript-Verlag, 2017. p. 77-96.

LIONÇO, Tatiana. “Ideologia de gênero” como elemento da retórica conspiratória do “globalismo. In: **Direitos em disputa**: LGBTI+, poder e diferença no Brasil contemporâneo, p. 373, 2020.

LORDE, Audre. Idade, raça, classe e gênero: mulheres redefinindo a diferença. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (org). **Pensamento Feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero e sexualidade**: pedagogias contemporâneas. Proposições, v. 19, n. 2, p. 17-23, 2008.

MARTIN, Denise; SPINK, Mary Jane; PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. **Corpos múltiplos, ontologias políticas e a lógica do cuidado**: uma entrevista com Annemarie Mol. Interface- Comunicação, Saúde, Educação, v. 22, p. 295-305, 2018.

MGTOW. **About**. Disponível em: <https://www.mgtow.com/about/> Acesso em: outubro de 2020.

MGTOW. **Manosphere**. Disponível em: <https://www.mgtow.com/manosphere/> Acesso em: outubro de 2020b.

MOL, Annemarie et al. Política ontológica: algumas ideias e várias perguntas. **Objectos impuros**: experiências em estudos sobre a ciência. Porto: Afrontamento, p. 63-75, 2008.

MOL, Annemarie. **The body multiple**. Duke University Press, 2003.

MOVIMENTO DO DIREITO DOS HOMENS. **Nossa Missão**. Disponível em: <https://mdhbrasil.org/nossa-missao/>. Acesso em: setembro de 2021.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A Genealogia da Moral**. São Paulo: Lafonte, 2017.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides. **A cartografia como método de pesquisa-intervenção**. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (orgs). Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, p. 17-31, 2015.

RIBEIRO, Manoel Horta; BLACKBURN, Jeremy; BRADLYN, Barry; CRISTOFARO, Emiliano de; STRINGHINI, Gianluca; LONG, Summer; GREENBERG, Stephanie; ZANNETTOU, Savvas. **The Evolution of the Manosphere Across the Web**. 2020.

ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. **A cartografia e a relação pesquisa e vida.** Psicologia & Sociedade, v. 21, n. 2, p. 166-173, 2009.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição.** Sugestões para o combate à cafetinagem da vida. Poliética. Revista de Ética e Filosofia Política. ISSN 2318-3160, v. 5, n. 1, p. 171-192, 2017.

ROLNIK, Suely. **O caso da vítima:** para além da cafetinagem da criação e de sua separação da resistência. ARS (São Paulo), v. 1, p. 79-87, 2003.

ROOSH V. **The Game.** Disponível em: <https://www.rooshv.com/what-is-neomascularity>. Acesso em: setembro de 2021.

SANTOS, Juliana Anacleto dos. **Gênero na teoria social:** papéis, interações e instituições, 2010. Article online: <http://www.ufjf.br/virtu/files/2010/05/artigo4a5.pdf>.

SCOTT, Joan. **O enigma da igualdade.** Revista estudos feministas, v. 13, n. 1, p. 11-30, 2005.

SEIXAS, Rodrigo. **A retórica da pós-verdade:** o problema das convicções. EID&A Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação, Ilhéus, n. 18, p. 122-138, abr.2019. DOI dx.doi.org/10.17648/eidea-18-2197.

SILVA, Cristian Kiefer; SILVA, Izabella Cristina Mendes. **A influência do machismo no feminicídio, nos crimes sexuais e na violência contra a mulher.** THEMIS: Revista da Esmec, v. 19, n. 1, p. 47-74, 2021.

SOUSA, Renata Floriano de. **Cultura do estupro:** prática e incitação à violência sexual contra mulheres. Revista Estudos Feministas, v. 25, p. 9-29, 2017.

SOUZA, Edinilsa Ramos de. **Masculinidade e violência no Brasil:** contribuições para a reflexão no campo da saúde. Ciência & saúde coletiva, v. 10, p. 59-70, 2005.

SOUZA, Suzana Monteiro de et al. **O direito das famílias na literatura:** pátrio poder e insubordinação feminina em “a emparedada da rua nova”. 2021.

STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo:** A política do " nós" e " eles". L&PM Editores, 2018.

VAN VALKENBURGH, Shawn P. **Digesting the red pill:** Masculinity and neoliberalism in the manosphere. Men and Masculinities, 2018.

ZAMBENEDETTI, Gustavo; SILVA, Rosane Azevedo Neves da. **Cartografia e genealogia:** aproximações possíveis para a pesquisa em psicologia social. Psicologia & Sociedade, v. 23, p. 454-463, 2011.

WRIGHT, Peter. **O Ginocentrismo e suas origens culturais**. 2020. Disponível em: <https://mdhbrasil.org/2020/06/23/o-ginocentrismo-e-suas-origens-culturais-partes-3-e-4/>. Acesso em: setembro de 2021.